

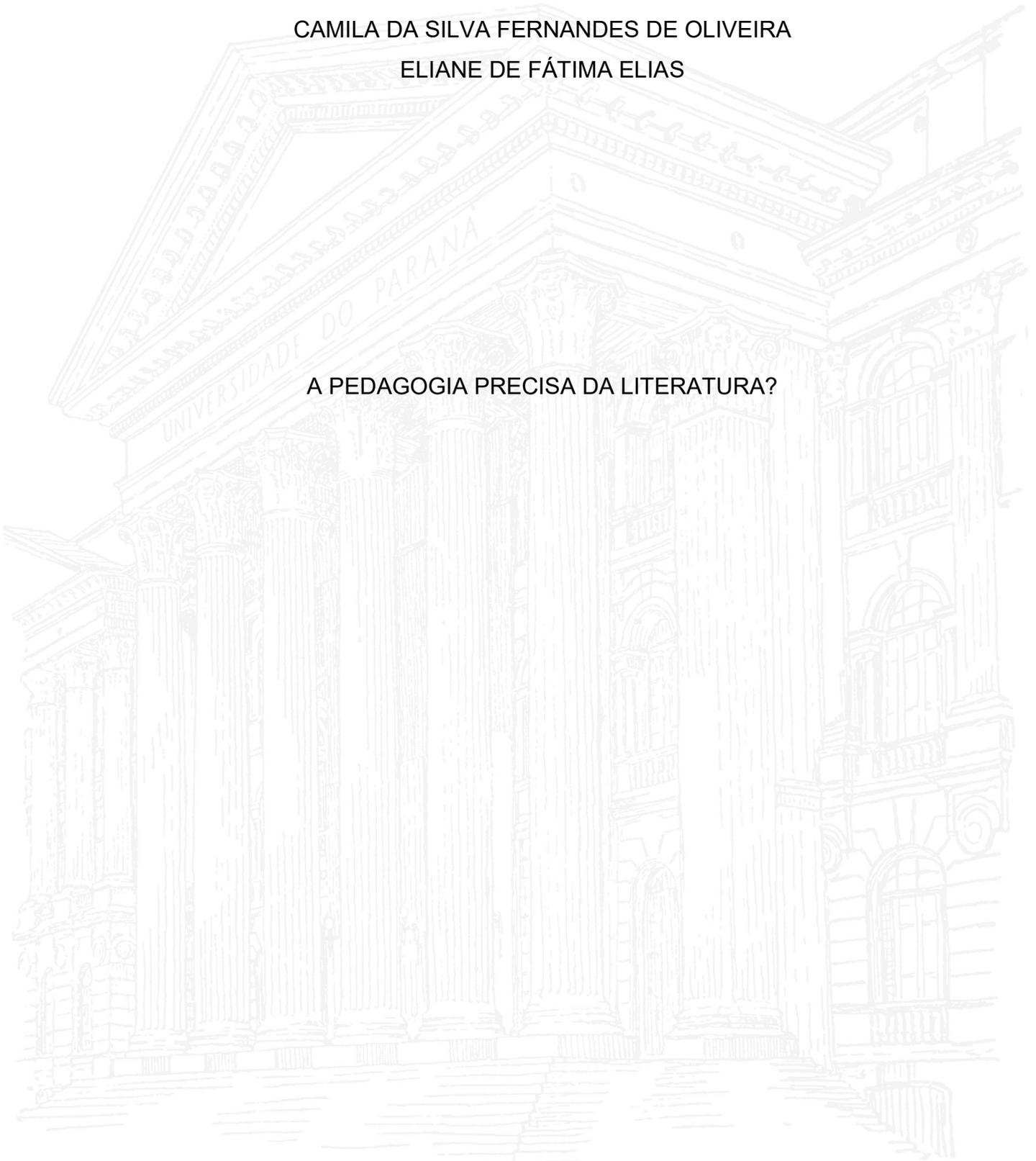
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CAMILA DA SILVA FERNANDES DE OLIVEIRA  
ELIANE DE FÁTIMA ELIAS

A PEDAGOGIA PRECISA DA LITERATURA?

CURITIBA

2021



CAMILA DA SILVA FERNANDES DE OLIVEIRA  
ELIANE DE FÁTIMA ELIAS

## A PEDAGOGIA PRECISA DA LITERATURA?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Luani de Liz Souza

CURITIBA  
2021

## TERMO DE APROVAÇÃO

## DEDICATÓRIA

Dedicamos este Trabalho de Conclusão de Curso a todos(as) os(as) profissionais da educação que acreditam que a literatura é um elemento que contribui para a compreensão e ressignificação dos sentimentos.

## **AGRADECIMENTOS**

Voltar à universidade para passar pelos já conhecidos desafios, trabalhos, sabores e dissabores não é para fracas. Dizem que a vivência e a maturidade nos dão sabedoria. É o que buscamos para as nossas vidas. Não é apenas para colocação no mercado de trabalho ou para a satisfação de ter um diploma de uma universidade pública e prestigiada. É pela convicção de que a educação é uma vocação e uma missão de vida.

Portanto, agradecemos a nossa família, que tanto amamos, pela compreensão e amor recebido nesses anos de graduação, pois por muitas vezes tivemos que deixá-los em segundo plano, para nos dedicarmos aos nossos estudos. Com toda certeza, a conclusão dessa etapa não seria possível sem o apoio de nossas famílias e amigos, mesmo que à distância.

Agradecemos, ainda, a nossa orientadora pela paciência e a toda equipe da Universidade Federal do Paraná (UFPR) pelo apoio prestado. Espero que esse não seja o fim, mas o início de uma longa jornada em busca da educação de qualidade e da nossa especialização como profissionais da educação, que venha o Mestrado.

*Na medida em que a leitura é para nós a iniciadora cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar, seu papel na nossa vida é salutar. Torna-se perigosa, ao contrário, quando, em lugar de nos despertar para a vida pessoal do espírito, a leitura tende a substituir-se a ela, quando a verdade não aparece mais como um ideal que não podemos realizar senão pelo progresso íntimo de nosso pensamento e pelo esforço de nosso coração, mas como uma coisa material, depositada entre as folhas dos livros como um mel todo preparado pelos outros e que não temos senão de fazer o pequeno esforço para pegar nas prateleiras das bibliotecas e, em seguida, degustar passivamente num repouso perfeito do corpo e do espírito.*

*Marcel Proust*

*A vida é breve e, no além, a ninguém se pergunta pelo número de livros que leu... A leitura superficial, distraída, é como caminhar por uma paisagem com os olhos vendados. Tampouco devemos ler para nos esquecer e esquecer a vida cotidiana, mas, ao contrário, para voltar a ter a mão firme, e com maior consciência e maturidade, sobre nossa própria vida. Devemos nos aproximar dos livros... como montanhistas... não como fugitivos de desgostosos de viver”*

*Hermann Hesse*

## **RESUMO**

Pela ótica de melhorias na construção de futuros pedagogos(as), este trabalho refere-se à importância da leitura de textos literários na formação destes estudantes e tem como objetivo principal demonstrar e analisar o reconhecimento da inserção da literatura no currículo do Curso de Pedagogia. Para isso, são apresentadas algumas análises teóricas fundamentadas em estudiosos do campo da educação, além de documentos oficiais que normatizam o Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná, para defender o questionamento sobre a relevância da leitura, literatura e do livro para a formação dos indivíduos numa sociedade letrada. Com base nessas pesquisas, será feita uma reflexão se a ausência dessa prática no espaço de formação acadêmica do professor(a) pedagogo(a) pode ser um sinal contundente de que a sua formação será precarizada e conseqüentemente refletirá na qualidade da educação. Para alcançar o objetivo este trabalho foi organizado em algumas etapas nos quais apresentamos o processo da pesquisa bibliográfica e documental e os seus resultados; a descrição do surgimento da escrita, sua importância e transformações, bem como sua ligação com as formas de poder; a leitura como o resultado do desenvolvimento da nossa espécie e os dados do Censo da Educação Básica 2020; os dados resultados da Retratos da Leitura 2019 e os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) 2018; e por fim a ausência da literatura no currículo de Pedagogia. Com isso, concluímos com a nossa defesa em favor da literatura na formação inicial do(a) professor(a) pedagogo(a).

Palavras-chave: Leitura Literária. Currículo Pedagogia. Formação Docente.

**ABSTRACT**

From the perspective of improvements in the construction of future pedagogues, this research refers to the importance of reading literary texts in the training of these students and its main objective is to demonstrate and analyze the recognition of the insertion of literature in the curriculum of the Pedagogy Course. For this, some theoretical analyzes based on scholars in the field of education are presented, in addition to official documents that standardize the Pedagogy Course at the Federal University of Paraná, to defend the questioning about the relevance of reading, literature and books for the training of students. individuals in a literate society. Based on these surveys, a reflection will be made on whether the absence of this practice in the academic education space of the teacher (a) pedagogue (a) can be a strong sign that his training will be precarious and consequently will reflect on the quality of education. To achieve the objective, this work was organized in some stages in which we present the research process and the results of the data collection; the description of the emergence of writing, its importance and transformations, as well as its connection with forms of power; reading as the result of the development of our species and data from the Census of Basic Education 2020; the results of Retratos da Leitura 2019 and the results of the International Student Assessment Program (PISA) 2018; and finally, the absence of literature in the Pedagogy curriculum. With that, we conclude with our defense in favor of literature in the initial formation of the teacher (a) pedagogue (a).

Keywords: Literary Reading. Pedagogy Curriculum. Teacher Formation.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – TÍTULO DA FIGURA.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
FIGURA 2 – TÍTULO DA FIGURA.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>
FIGURA 3 – TÍTULO DA FIGURA.....	<b>Erro! Indicador não definido.</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – TÍTULO DO GRÁFICO .....**Erro! Indicador não definido.**  
GRÁFICO 2 – TÍTULO DO GRÁFICO .....**Erro! Indicador não definido.**

## **LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS**

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEPE - Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PISA - Programa Internacional de Avaliação de Alunos

PNE - Plano Nacional de Educação

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

UFPR - Universidade Federal do Paraná

UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>16</b>
<b>2</b>	<b>A PEDAGOGIA PRECISA DA LITERATURA? .....</b>	<b>19</b>
<b>3</b>	<b>TUDO COMEÇOU COM A ESCRITA.....</b>	<b>25</b>
<b>4</b>	<b>A IMPERIOSA NECESSIDADE DE LER.....</b>	<b>28</b>
<b>5</b>	<b>SILENCIAMENTO DA LITERATURA.....</b>	<b>36</b>
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>41</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>43</b>

# 1 INTRODUÇÃO

A questão-título deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se coloca como um incômodo questionamento sobre a relevância da literatura na formação de pedagogos(as) e, conseqüentemente nas vidas das futuras gerações de estudantes visto que não é possível despertar o interesse ou demonstrar a importância de algo com o qual não temos familiaridade.

Ao contrário de ter o intuito de atribuir a responsabilidade pela formação exclusivamente ao(à) estudante, o objetivo desse trabalho foi, por meio da análise dos Planos de Ensino das disciplinas obrigatórias do Currículo 2009-2019 (ANEXOS 2, 3 e 4), identificar algumas das fragilidades na formação em Pedagogia, entre elas, a ausência de indicações, e conseqüentemente espaço, para a leitura de textos literários. Com toda a defesa que existe em torno da leitura, da literatura e do livro para a formação dos indivíduos numa sociedade letrada, a ausência dessa prática no espaço de formação acadêmica do professor(a) pedagogo(a) pode ser um sinal contundente de que a sua formação será precarizada, conseqüentemente seu desempenho ficará comprometido e a qualidade na educação, tão apregoada no Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024, não será alcançada. Uma formação inicial insuficiente pode não ser recuperada na formação continuada ou numa pós-graduação.

A literatura é um componente fundante na formação de professor(a) pedagogo(a) porque estes(as) tem um papel decisivo na aproximação entre o(a) estudante e as obras literárias. O (ainda) patrono da educação no Brasil, Paulo Freire, em uma das suas mais citadas reflexões afirma:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto. (FREIRE, 2017, p.19-20).

A sua pedagogia propunha resgatar a humanidade das pessoas oprimidas que até nos dias de hoje ainda se faz necessária. Ele entendia que o ato de ler não se reduzia a decodificação das palavras, mas que era necessária uma compreensão do mundo para que as palavras juntas, num texto, fizessem sentido. Esse conceito de leitura é revolucionário e libertador. Freire ainda completa:

Parece importante, contudo, para evitar uma compreensão errônea do que estou afirmando, sublinhar que a minha crítica à magicização da palavra não significa, de maneira alguma, uma posição pouco responsável de minha parte com relação à necessidade que temos, educadores e educandos, de ler, sempre e seriamente, os clássicos neste ou naquele campo do saber, de nos adentrarmos nos textos, de criar uma disciplina intelectual, sem a qual inviabilizamos a nossa prática enquanto professores e estudantes. (FREIRE, 2017, p.27).

Sendo a postura crítica uma prática inerente à função do(a) pedagogo(a) e visto que o curso de Pedagogia deve contribuir também para qualificar o(a) estudante de pedagogia como sujeito de sua formação acadêmica, essa pesquisa foi impulsionada pelo desejo de promover uma reflexão sobre a nossa própria formação.

O currículo de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná (UFPR) (ANEXO 01), aprovado em 2008, trouxe significativas mudanças para a formação de pedagogos(as). A mais importante foi a expansão do curso de quatro para cinco anos que possibilitou a ampliação do tempo de estágio, o aumento da carga horária de disciplinas optativas e a inclusão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Ainda que representasse um avanço pelas razões apresentadas acima, não previa a literatura como conteúdo necessário para essa formação. Na última reformulação curricular, aprovada em 2018, novamente a literatura não foi contemplada.

Quando constatamos essa lacuna no currículo, seguimos para uma análise das indicações bibliográficas, presentes nos Planos de Ensino, para identificar o tipo de literatura obrigatória em cada disciplina. O resultado dessa análise pretende provocar uma reflexão sobre a relevância da literatura no curso de Pedagogia.

Para alcançar o objetivo aqui proposto, o presente trabalho se organiza em quatro capítulos, além dessa introdução e considerações finais.

No primeiro capítulo apresentaremos o processo da pesquisa documental bem como os resultados da categorização das obras e textos indicados como bibliografia básica da disciplina nos Planos de Ensino.

No capítulo seguinte fazemos uma breve contextualização do surgimento da escrita e sua importância como marco divisor entre a pré-história e a da história e as transformações decorrentes do seu surgimento. Também fazemos referência de como o domínio desse conhecimento está ligado às formas de poder.

A leitura, como o resultado de uma aquisição complexa que provocou uma mudança no nosso cérebro acelerando o desenvolvimento da nossa espécie, é abordada no capítulo terceiro. Ainda nesse capítulo apresentaremos os dados referentes à taxa de analfabetismo, o nível de instrução e o percentual de escolas de Educação Infantil com

biblioteca, segundo os dados do Censo da Educação Básica 2020. Na sequência faremos referência aos hábitos e frequência de leitura dos brasileiros apresentando alguns dados resultados da Retratos da Leitura 2019 juntamente com os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA) 2018.

A questão central do trabalho será tratada no quarto capítulo onde demonstraremos a ausência da literatura no currículo de Pedagogia e como ela perde espaço nos campos pedagógicos de disputas.

Por fim apresentaremos as considerações finais onde abalizaremos mais algumas defesas importantes em favor da literatura na formação inicial do(a) professor(a) pedagogo(a).

## 2 A PEDAGOGIA PRECISA DA LITERATURA?

No início dos estudos para o TCC, queríamos explorar o “sentido do leitor no futuro professor(a), pedagogo(a) da UFPR”. Pensar sobre o “gosto” pela leitura era preterido em detrimento das leituras obrigatórias da academia.

Dada as condições que atingiu o mundo<sup>1</sup>, o lugar da pesquisa com os(as) alunos(as) ficou para outros momentos de formação.

O outro ponto para articular o senso de pesquisa foi compreender nos documentos oficiais do Curso de Pedagogia da UFPR, a presença ou ausência da indicação de textos literários.

Compreendendo que há uma relevância no ato de pesquisar conforme as definições previstas no processo de formação do Curso de Pedagogia da UFPR, orientou-se pelos seguintes elementos:

- a. definição do assunto que durante o curso inquietou ou interessou o(a) estudante a ponto de merecer um aprofundamento;
- b. definição se esse assunto se enquadra nos critérios para ser um Trabalho de Conclusão de Curso.

Para isso o objeto de pesquisa deve:

[...] se relacionar com a educação e suas interfaces com áreas afins, de modo a contribuir para a reflexão teórica, o desenvolvimento de práticas e metodologias de ensino, a análise de intervenções, a formulação e implementação de políticas públicas na educação. (Curso de Pedagogia – UFPR, 2020).

A nossa pesquisa procura investigar se a literatura faz parte das práticas acadêmicas do curso de Pedagogia da UFPR uma vez que a Resolução nº 30 de 2008 do CEPE, que fixa o Currículo Pleno do Curso de Pedagogia, não explicita, em sua estrutura, o campo da literatura.

Esse documento, assim como a Proposta de Reformulação Curricular para o Curso de Pedagogia, de 2009, segue as determinações da Resolução CNE/CP nº 1, de 15 de maio de 2006, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia e que também não faz menção a literatura como necessária a formação

---

<sup>1</sup> A pandemia que se instalou no mundo ocasionada pelo coronavírus, uma doença respiratória altamente contagiosa, o que resultou em muitas mortes e por esse motivo a necessidade do isolamento social. Com o isolamento social vieram outros problemas como desemprego, depressão e fechamento de muitos comércios e instituições de ensino.

acadêmica. Cabe ressaltar a nota que consta na Proposta de Reformulação Curricular para o Curso de Pedagogia que:

Ressalta-se que as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, discutidas entre 1997 e 2006, permearam e por vezes se sobrepuseram aos estudos para a reformulação curricular e às atribuições da CRCCP. As diferentes proposições em relação à concepção de Pedagogo e à sua formação, os dissensos, as idas e vindas que envolveram o debate nacional a respeito das Diretrizes, envolveram muito tempo do trabalho da CRCCP. Ainda, as Diretrizes foram publicadas sob muitos protestos e questionamentos por parte das instituições acadêmicas, entre as quais a UFPR, e das entidades representativas da área educacional (como ANPED, ANFOFE, FORUMDIR) em 16 de maio de 2006. Neste caso, sua orientação substituiu a das Resoluções 01 e 02/2002. (UFPR, 2009, p. 7).

Para esse estudo também se fez uso do Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pesquisando as produções acadêmicas do período de 2018 e 2019. O descritor utilizado foi: “literatura na formação do pedagogo”, refinando a busca pela Grande Área Conhecimento “Ciências Humanas”, Área do Conhecimento “Educação”, Área de Avaliação “Educação”, Área de concentração “Educação”, “Currículo”, “Educação e Formação Humana” e “Educação e Formação”. Dessa busca resultaram 409 trabalhos. Excluímos os títulos que se referiam ao estudo específico de uma determinada realidade e os que não tratavam da literatura na formação do(a) pedagogo(a). Do refinamento da pesquisa resultaram dois trabalhos orientados pela Professora Doutora Marly Amarilha, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) que tem uma produção muito específica na área de literatura no curso de Pedagogia, que está perfeitamente alinhado a nossa pesquisa.

A partir dos Planos de Ensino (Ficha 2) das disciplinas obrigatórias do Currículo Pleno de Pedagogia (2009-2019), criamos 11 (onze) categorias para distinguir os tipos de bibliografias referenciadas em cada disciplina. São elas: Documentos Legais/Oficiais, Biologia, Psicologia, História, Sociologia, Filosofia, Específico da Área, Metodologia, Didática, Estudo da Pedagogia e Ciência da Educação.

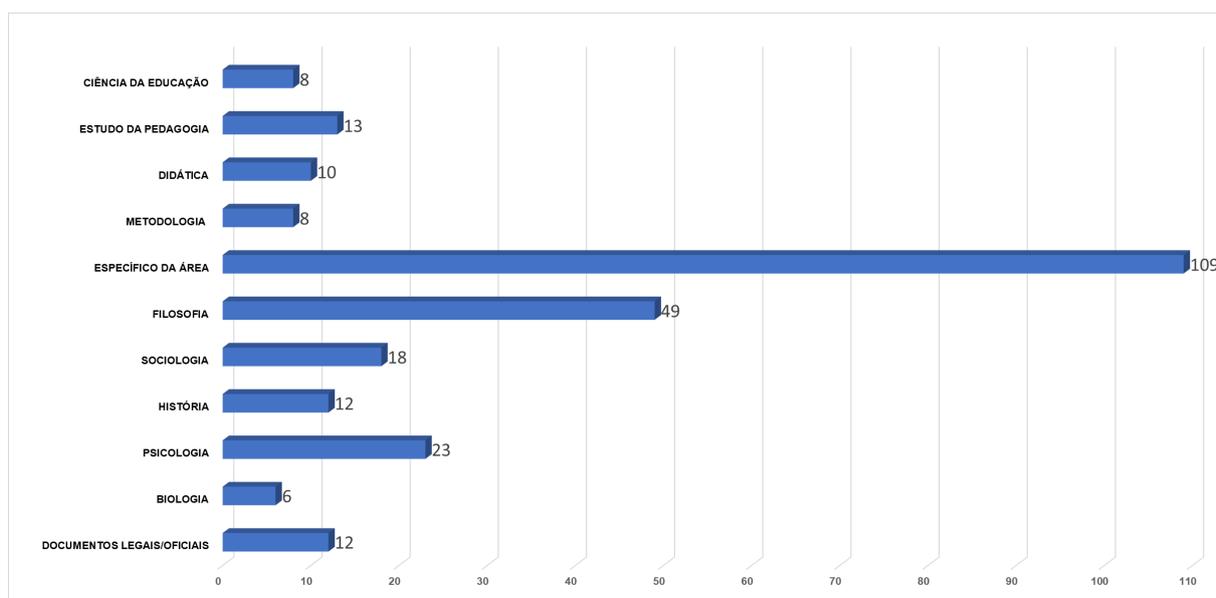
Para isso solicitamos primeiramente à Coordenação de Pedagogia o envio desses planos. A orientação recebida foi de que esse pedido deveria ser feito aos respectivos departamentos. Fizemos então a solicitação aos três departamentos. Apenas o Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação (DTFE) disponibiliza na página do Setor de Educação, os arquivos com os Planos de Ensino das disciplinas ofertadas per este departamento.

Na falta de resposta dos demais departamentos, buscamos os Planos de Ensino nos nossos próprios arquivos, além disso, solicitamos para colegas e para os docentes. Ao final, conseguimos 100% dos Planos de Ensino do Currículo Pleno do Curso de Pedagogia 2009-2019.

Para algumas disciplinas foram encontrados dois ou mais planos. Analisamos somente um plano de ensino por disciplina, apesar de termos ciência que as referências bibliográficas podem sofrer alterações, de acordo, com o planejamento de cada professor(a), para a mesma disciplina.

Seguindo a categorização mencionada anteriormente, procuramos identificar pelo título das obras, em qual categoria se enquadraria. A partir dessa análise foi realizada uma planilha que resultou no Gráfico 01.

GRÁFICO 1: NÚMERO DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, POR ÁREA DO CONHECIMENTO



FONTE: Documentos Setor de Educação – UFPR, 2020.

Como podemos perceber, das 268 referências relacionadas nos Planos de Ensino como bibliografia básica, 109 delas são específicas da disciplina, o que representa 41% do total de referências.

Na pesquisa realizada no Currículo Pleno do Curso de Pedagogia, fixado pela Resolução nº 30/08 do CEPE, constatou-se que não havia disciplinas obrigatórias que estivessem relacionadas ao ensino ou à prática da literária e a formação do professor(a) pedagogo(a) da UFPR, nesse currículo, está baseada dentro desses campos de conhecimento demonstrados no gráfico acima. Isso indica que, mesmo sendo um curso

com habilitação para Magistério da Educação Infantil e dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, além da função de pedagogo(a) e que, portanto, constituído de disciplinas, práticas educativas e práticas profissionais para atuação nestas áreas, não contemplava a literatura como um dos campos da formação.

No entanto, essa não é a realidade de outras universidades federais do país, com base nos dados apresentados no artigo “O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária” que fez o mapeamento das universidades que tem o ensino de literatura nos cursos de pedagogia, dentre as 27 universidades federais do Brasil, 11 delas oferecem a disciplina de literatura como obrigatória, com diferentes nomenclaturas, e 14 oferecem como optativas em seu currículo.

Esse quadro é relevante porque indica uma tendência de crescimento da presença da literatura em Pedagogia, ou pelo menos insinua certa sensibilidade à área. Por outro lado, como já enunciado anteriormente, currículo é um território de disputas, então, podemos concluir que esses indicadores assinalam que a oferta de Literatura no curso de Pedagogia não é consenso, pois ainda não conquistou total legitimidade como disciplina obrigatória. É na condição de obrigatoriedade que uma área se estabelece institucionalmente e, para que isso aconteça, a literatura ainda tem um largo espaço a ser ocupado, no caso específico do currículo de Pedagogia. (AMARILHA; SALDANHA, 2018, p. 6)

Na página do curso de Pedagogia da UFPR consta a seguinte informação para o público em geral:

A Pedagogia é o campo que trabalha com a educação e a toma por objeto de estudos e atuação. Por isso, o pedagogo atua preferencialmente no âmbito escolar. Quem pretende exercer esta profissão deve se interessar por processos educacionais, entendendo que estes implicam o envolvimento direto com seres humanos, o que exige criatividade, senso crítico, iniciativa, curiosidade prática e saber, gosto pela leitura e capacidade de síntese. (Curso de Pedagogia – UFPR, 2020).

No documento Proposta de Reformulação Curricular para o Curso de Pedagogia, elaborada em 2007, a palavra “leitura” aparece 32 vezes sendo que na maioria dos casos se refere à “leitura e produção de textos” como estratégia de ensino ou de avaliação como no caso da expressão “capacidade de leitura e reflexão”. O outro sentido para a palavra “leitura” está vinculado ao binômio leitura e escrita se referindo ao ensino, ou seja, metodologias.

A constatação da inexistência do campo da literatura no curso de Pedagogia suscita a pergunta “a pedagogia precisa da literatura?”. Ao concordarmos que os processos pedagógicos implicam o envolvimento direto com seres humanos, como afirma

o texto da página oficial do curso, como não defender o pressuposto de que a Pedagogia precisa da Literatura.

E nessa defesa não estamos sozinhas. Tiburi (2010) alerta para o abandono da função essencial da atenção humana:

A leitura é o que nos ensina a pensar, a entender a interpretar. Não é apenas um gesto de decifração do dizer alheio, de textos fechados leve ou hermeticamente. Mas gesto de atenção e cuidado com o que existe e que nos interpela pedindo para que algo nele seja salvo pelo nosso olhar. A leitura é o parto da ideia do texto. (TIBURI, 2010, p. 30).

Segundo Zafalon (2008), o leitor interage com o texto e assim traz para fora o seu conhecimento e ponto de vista. Além de fatos particulares que materiais informativos podem conter, o texto literário vincula o leitor a indivíduos de outros tempos e traz uma pluralidade de significações da língua, “O texto literário não mostra apenas os fatos, mas a complexidade de pensamentos que circundam e permeiam esses fatos, diferenciando o homem de cada época e de cada lugar, envolvido em seus processos histórico-sociais.” (ZAFALON, 2008, p. 3)

Nas sociedades letradas como a nossa uma formação integral do sujeito passa necessariamente pela leitura. Uma parte dessas leituras deve tratar de textos técnicos e acadêmicos de formação e outra parte é desejável que seja de textos literários.

Esse último tipo de leitura vai propiciar uma base sólida de entendimento da condição humana que na formação de professor(a) pedagogo(a) é indispensável.

Com o olhar e o entendimento de que o espaço da academia passa pela disputa de campos e de hierarquização dos conhecimentos, nossa pergunta sobre se a “Pedagogia precisa da Literatura?” nos coloca diante da seguinte reflexão: é a literatura para a pedagogia um conhecimento menor?

Para falar a respeito da função formativa de tipo educacional que a literatura pode ter, Candido<sup>2</sup> formula a questão e dá a resposta:

Sabemos que a instrução dos países civilizados sempre se baseou nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura. Tomadas em si mesmas, seriam as letras humanizadoras, do ponto de vista educacional? Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes. A

---

<sup>2</sup> Antônio Candido de Mello e Souza foi sociólogo, crítico literário, ensaísta e professor brasileiro, figura central dos estudos literários no Brasil (FRAZÃO, Dilva. 2019).

literatura pode formar; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras. (CANDIDO, 2012, p. 84).

### 3 TUDO COMEÇOU COM A ESCRITA

A escrita foi a invenção que permitiu que a transmissão cultural dispusesse de um recurso sofisticado para materializar-se e, de certo modo, perpetuar os relatos, histórias, feitos heróicos, explicações dos fenômenos da natureza e da criação do mundo. Para a Historiografia, o surgimento da escrita marca a passagem da pré-história para a história.



Os mais antigos registros que conhecemos surgiram “[...] entre 3500 e 3000 a.C. alguns gênios sumérios desconhecidos inventaram um sistema para armazenar e processar informações fora do cérebro concebido especialmente para lidar com grandes quantidades de dados matemáticos”. (HARARI, 2018, p. 170). Os artefatos encontrados com registro de escrita estavam em tábuas de argila e os sinais, ao que parece, foram feitos com objetos em forma de cunha ou com estiletos feitos de cana. Por isso, essa escrita é chamada de cuneiforme.

A escrita cuneiforme, criada a cerca de 3200 a.C. para registrar o sumério, serviu de base para outras línguas que possuíam alguma similaridade como acádio, eblaíta, elamita, persa antigo, hurrita, hitita, palaíta, luvita, urartiano e ugarítico. (BRANDÃO, 2018, p. 19). Sua invenção foi uma solução prática para problemas de armazenamento de informações. Apenas mais tarde é que ela adquiriu a função de registrar relatos orais que precisavam ser preservados:

As histórias também preservavam a experiência humana, dizendo aos ouvintes como agir em situações difíceis e como evitar armadilhas comuns. Histórias importantes, histórias da criação do mundo ou da fundação de cidades, eram às vezes cantadas por bardos especialmente designados, que haviam aprendido essas narrativas de cor e as apresentavam em ocasiões especiais. Os bardos lembravam-se delas com precisão e, antes de envelhecer, transmitiam-nas a seus discípulos e sucessores. (PUCHNER, 2019, p.53).

A função da escrita, no início da sua criação, era principalmente para registrar e regulamentar a vida administrativa das sociedades.

A escrita foi inventada na Mesopotâmia há cinco mil anos, para outros fins, como transações econômicas e políticas. Uma história sobre a origem da escrita fala de um rei de Úruk que teve a ideia de mandar uma mensagem ameaçadora, impressa em argila, a um rival. Diante dos sinais incompreensíveis que guardavam as palavras ditas pelo rei de Úruk, o rei rival declarou sua lealdade, tão impressionado ficou com esse modo milagroso de fazer a argila falar. (PUCHNER, 2019, p. 53)

Puchner (2019) diz que na verdade o aparecimento da escrita como forma de contar e escrever histórias surgiu em dois lugares diferentes: na Mesopotâmia e nas Américas.

A dinâmica da língua escrita se consolida em sistemas de escrita. Assim, civilizações antigas que habitaram as regiões da Mesopotâmia, Ásia Menor, China, Índia e Grécia fizeram uso do recurso de um sistema para eternizar narrativas orais, enaltecer mitos e propagar uma herança cultural.

Foi apenas quando a narração cruzou com a escrita que a literatura nasceu. Antes, o relato de histórias existia em culturas orais, com diferentes regras e objetivos. Mas, depois que a narração se ligou à escrita, a literatura despontou como uma força nova. Tudo o que se seguiu, toda a história da literatura, começou com esse momento de inserção, o que significa que, para contar a história da literatura, eu teria de tratar tanto da narrativa quanto da evolução das tecnologias criativas, como o alfabeto, o papel, o livro e a impressão. (PUCHNER, 2019, p. 17-18).

Da união da narração de epopeias com a escrita surge a literatura e a sua propagação e permanência só foi possível graças a algumas tecnologias como a escrita, o papel e a impressão por tipos móveis. A combinação dessas três grandes invenções influenciou diretamente a aquisição do letramento. Mas qual seria o sentido de fazer os registros de relatos de histórias e epopéias, de códigos de conduta, de símbolos religiosos ou de anotações contábeis se não fossem para serem decifrados por outras pessoas?

Realizar a decifração de símbolos numa combinação que expressa um pensamento é uma atividade extremamente complexa. Dehaene afirma que:

Nossa capacidade de aprender a ler coloca um curioso enigma, que denomino o paradoxo da leitura: como pode ser que nosso cérebro de Homo sapiens pareça finalmente adaptado à leitura, quando esta atividade, inventada em todos os seus componentes, não existe senão há alguns milhares de anos? A escrita nasceu há aproximadamente 5.400 anos entre os babilônios e o alfabeto propriamente dito não tem mais de 3.800 anos. (DEHAENE, 2012, p. 17).

Ainda que muitas civilizações acreditassem que a escrita era um dom divino, o domínio dos símbolos e sistemas dependia da aprendizagem assim como hoje. De todo modo, o domínio da escrita sempre esteve associado ao poder e ainda hoje determina qual a história que será contada.

A escrita não foi, e não é apenas registro de fatos ocorridos. Ela é carregada de intencionalidade mesmo quando se propõem a ser isenta de interesses que não o de apenas retratar a realidade. É certo que não seríamos quem somos sem a escrita e conseqüentemente, a leitura.

#### 4 A IMPERIOSA NECESSIDADE DE LER

A linguagem oral é algo natural que resulta da necessidade que o corpo tem em se comunicar, “na linguagem, a natureza é alimentada pela necessidade seguinte de uma ordem que é praticamente a mesma em qualquer parte do mundo.” (WOLF, 2019, p. 27). Podemos citar como exemplo, a criança que aprende a falar sozinha independentemente do idioma que é falado ao seu redor.

Diferentemente da linguagem oral, a leitura, não é algo natural, é cultural, Wolf (2019) afirma em seu livro “O cérebro no mundo digital” que:

[...] ler não é nem natural, nem inato; muito pelo contrário, é uma invenção não natural e cultural que existe, se tanto, há seis mil anos. Em qualquer “relógio da evolução”, a história da leitura ocupa pouco mais do que o proverbial tique antes da meia-noite, mas ainda assim oferece um conjunto de habilidades tão importante sua capacidade de mudar nossos cérebros, que está acelerando o desenvolvimento de nossa espécie, para melhor e às vezes para pior. (WOLF, 2019, p. 26)

Depois que dominamos a leitura, não nos damos conta de como esse processo é fascinante e ao mesmo tempo não nos damos conta do que perdemos. Sim, temos perdas. As pesquisas indicam que pessoas analfabetas têm uma maior competência para identificar fisionomias, expressões faciais e detalhes mais sutis de uma paisagem. Essa habilidade ocupa a mesma área cerebral onde se dá a leitura. Antropólogos afirmaram:

[...] antropólogos que estiveram entre os povos caçadores-coletores, ou na Amazônia, ou na Nova Guiné, ou nas savanas da África, retornaram com um sentimento de inferioridade. Seus anfitriões, dizem eles, sabem ler muito bem o mundo natural. Sua leitura dos traços dos animais é particularmente de virtuosidade. O exame minucioso de alguns arbustos quebrados ou dos traços imperceptíveis na areia ou na poeira lhes fala sobre um animal preciso, seu tamanho, a direção que ele tomou e sobre uma miríade de outras informações [...]. (DEHAENE, 2012, p. 230).

A leitura, enquanto decodificação é uma habilidade indispensável para viver numa sociedade letrada. Entretanto, atingir níveis mais complexos de interpretação e compreensão da leitura possibilita atingir melhores desempenhos na vida escolar, acadêmica e no mercado de trabalho. Com a ampliação da escolarização e o aumento do nível de escolaridade, mais pessoas passaram a ter a possibilidade de ler. Entretanto, Wolf (2019) afirma que:

A qualidade com que lemos qualquer sentença ou texto depende, porém, das escolhas que fazemos quanto aos tempos que alocamos aos processos de leitura profunda, independentemente do meio. Tudo aquilo que consideraremos daqui em

diante neste livro - desde a cultura digital, os hábitos de leitura de nossos filhos e dos filhos de nossos filhos até o papel da contemplação em nós mesmos e na sociedade - fundamenta-se em compreender a locação de tempo, de importância crucial, mas nunca assegurada, aos processos que formam um circuito da leitura profunda. Isso vale tanto para o desenvolvimento do circuito da infância, quanto para sua preservação no curso de nossas vidas. Os processos de leitura profunda levam anos para se formar, e nós, enquanto sociedade, precisamos estar atentos para seu desenvolvimento em nossos jovens desde muito cedo. É necessário que nós, leitores experientes de nossa sociedade, nos empenhemos em despende os milissegundos extras necessários para manter sempre a leitura profunda. (WOLF, 2019, p. 51 e 52)

Wolf (2019) assegura que a neuroplasticidade é outro dos princípios do projeto básico de nosso cérebro que nos ajuda a aprender a ler, pois por meio da conexão de componentes antigos formam-se novos circuitos e, além disso, há a reciclagem de neurônios existentes e o acréscimo de ramificações novas e elaboradas ao circuito. (Wolf, 2019, p. 28). Do mesmo modo, a plasticidade do cérebro é responsável por criar circuitos mais ou menos aprimorados dependendo dos fatores ambientais, por isso a relevância em observar o funcionamento do cérebro após o uso da mídia,

[...] a plasticidade também subjaz o motivo pelo qual o circuito do cérebro leitor é inerentemente maleável (ou seja, passível de mudar conforme a leitura) e é influenciado por alguns fatores ambientais chave, a saber: aquilo que lê (tanto o sistema de escrita particular como o conteúdo), como ele lê (a mídia particular, por exemplo, o impresso ou a tela e seus efeitos sobre o modo de ler) e como é formado (métodos de instrução). (WOLF, p. 28 e 29)

Numa leitura em livro físico, há mais sentidos envolvidos o que pode tornar o ato de ler uma experiência mais profunda. A leitura necessita de uma disposição mental, psicológica e física.

Com isso, podemos entender que para o ser humano ter a capacidade de ler é necessário aprender e para isso precisamos de um ambiente que proporcione esse desenvolvimento, “de modo que cada jovem cérebro possa formar seu próprio circuito de leitura novo em folha” (Wolf, p. 28), pois para aprender a ler há vários circuitos de leitura.

Para Burke (2003), os primeiros letrados assim como os intelectuais modernos não tinham uma ampla liberdade em sua produção de conhecimento. A maioria deles sempre esteve ligada a instituições como universidades, patrocinadores, em geral nobres ou pessoas de posses, e a Igreja. O autor também demonstra como algumas cidades foram estratégicas, como centros de propagação de conhecimentos e intercâmbio de culturas. Até a cidade foi insumo para conhecimento quando governantes demandavam censos populacionais, mapas, descrições topográficas e outras informações para fundamentar a governança e a elaboração de estratégias políticas.

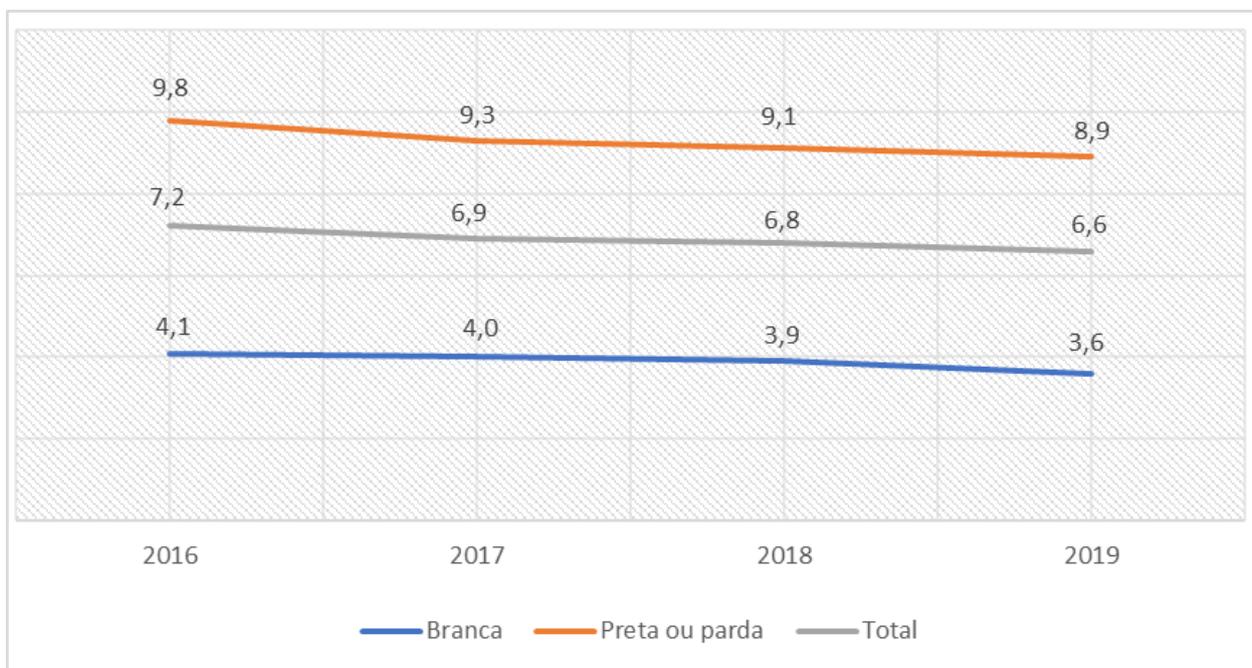
Ao reconhecer esse lugar da não liberdade dos intelectuais, desde os primórdios, a ausência/silenciamento do campo da literatura no Curso de Pedagogia, pode se dar como uma visão estratégica ou do empobrecimento da produção do conhecimento no âmbito do repositório da formação. Em defesa da literatura, Candido (2012) diz que ela teve e tem para quem lê um efeito indelével para a vida toda:

Quero dizer que as camadas profundas da nossa personalidade podem sofrer um bombardeio poderoso das obras que lemos e que atuam de maneira que não podemos avaliar. Talvez os contos populares, as historietas ilustradas, os romances policiais ou de capa-e-espada, as fitas de cinema, atuem tanto quanto a escola e a família na formação de uma criança e de um adolescente. (CANDIDO, 2012, p. 84).

O perfil educacional da população tem forte relação com as suas práticas de leituras. Por esse motivo apresentaremos, de modo geral, os dados relativos à taxa de analfabetismo e o nível de instrução.

Ao analisarmos as taxas de analfabetismo no Brasil das pessoas de 15 anos ou mais de idade, por cor ou raça, no BRASIL entre 2016 e 2019, é possível observar que houve uma diminuição no número de pessoas analfabetas, conforme aponta o Gráfico 2.

GRÁFICO 2 – TAXA DE ANALFABETISMO DAS PESSOAS DE 15 ANOS OU MAIS DE IDADE, POR COR OU RAÇA, BRASIL – 2016-2019.



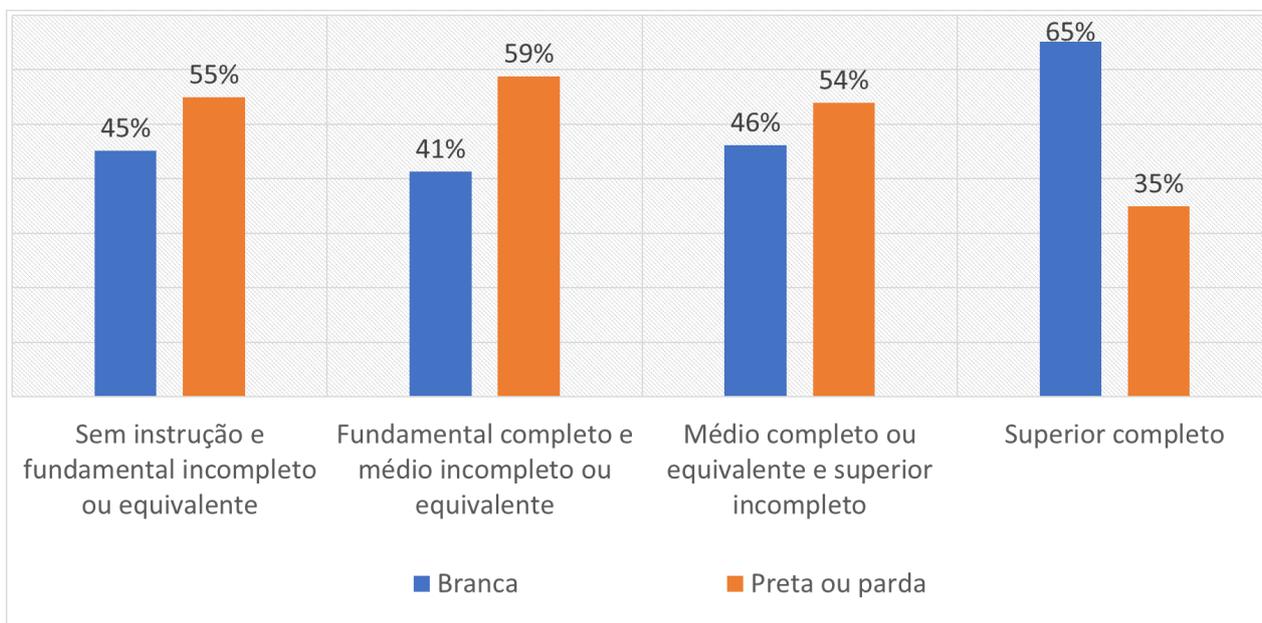
FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - 2º trimestre, 2019.

NOTA: A taxa de analfabetismo é o percentual de pessoas de determinada faixa etária que não sabe ler e escrever um recado ou bilhete simples no idioma que conhece no total de pessoas dessa mesma faixa etária.

Entretanto, o que se observa em todos os anos é uma enorme diferença entre as pessoas brancas e as pretas ou pardas. Na média chega a 5,37 pontos percentuais de diferença sendo a de pessoas pretas ou pardas sempre foi maior o percentual.

A Meta 09 do PNE que trata da alfabetização da população com 15 anos ou mais ainda não foi alcançada visto que pretendia elevar a taxa de alfabetização da população com 15 anos ou mais para 93,5% já em 2015. Isso ainda não aconteceu. Porém o desafio maior ainda é “[...] erradicar o analfabetismo absoluto e reduzir em 50% (cinquenta por cento) a taxa de analfabetismo funcional”. (BRASIL, 2014).

GRÁFICO 3 – PESSOAS DE 25 ANOS OU MAIS DE IDADE, POR COR OU RAÇA E GRUPAMENTOS DE NÍVEL DE INSTRUÇÃO, BRASIL, 2019.



FONTE: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Anual - 2º trimestre, 2019.

A superação da desigualdade com relação ao nível de instrução por cor ou raça é um desafio que ainda está longe de ser superado. As políticas afirmativas ainda não deram conta de minimizar os efeitos de longos anos de desigualdades que foram ordenadamente e deliberadamente arquitetadas e produzidas pelas elites branca e intelectual do país e que são, até hoje as maiores beneficiadas. O alcance da Meta 9 passa antes por uma política de que garanta o acesso, a permanência e a conclusão dos estudos dos grupos minoritários.

Os dados apresentados anteriormente têm impacto no nível de acesso à cultura e na prática leitora.

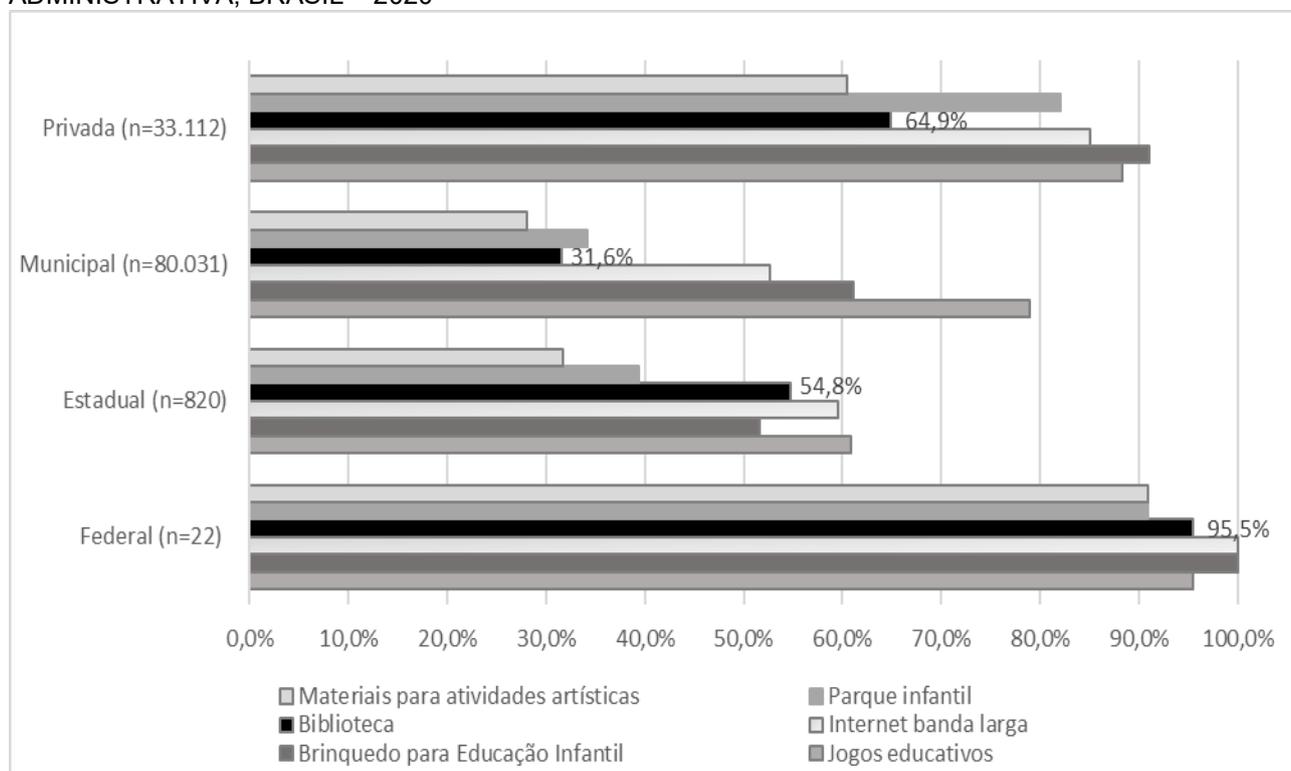
A módica melhora nos níveis de escolarização pode ser atribuída às políticas de estímulo ao acesso e a permanência que promoveram a ampliação e a obrigatoriedade do ensino. Contudo a qualidade vai além desses fatores. Um dos fatores considerados para a qualidade é a estrutura física das escolas e entre elas está a biblioteca escolar.

A Lei 12.224, sancionada em 2010, determinava a implementação de bibliotecas em todas as instituições de ensino do Brasil, sejam públicas ou privadas, no prazo de 10 anos e específica:

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares. (BRASIL, 2010)

Contudo, isto se mostra como grande desafio visto que, segundo dados do Censo Escolar de 2020, entre as escolas de educação infantil da rede municipal, em todo o território nacional, apenas 31,6 possuem biblioteca e mesmo na rede privada esse percentual é de apenas 64,9% conforme o Gráfico 4.

GRÁFICO 4 – RECURSOS RELACIONADOS À TECNOLOGIA E INFRAESTRUTURA DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO INFANTIL, SEGUNDO A DEPENDÊNCIA ADMINISTRATIVA, BRASIL – 2020



FONTE: Diretoria de Estatísticas Educacionais (Deed)/INEP/Censo da Educação Básica.

NOTA: n = número de escolas de cada rede de ensino.

A meta proposta pela Lei 12.224/2010 não foi alcançada e, ao que tudo indica, não será pelo menos num horizonte de curto ou médio prazo, considerando cinco e dez anos.

Essa situação é muito preocupante já que a Educação Infantil é uma etapa importante para o estabelecimento de conexões cerebrais uma vez que há uma maior predisposição a estímulos e conseqüentemente para a construção de práticas que permanecerão por toda a vida. E a leitura pode ser uma prática profícua que pode ser realizada em qualquer fase da vida.

Até 2016 havia uma perspectiva de que haveria maiores investimentos na educação que possibilitaria estabelecer um padrão mínimo de qualidade e garantir condições materiais e estruturais para todas as escolas do país para responder às metas do PNE.

Especificamente para promoção da prática leitora houve, nos últimos anos, um incremento de novos incentivos de programas de leitura decorrentes principalmente do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL, criado pela Portaria Interministerial nº 1537 dos ministérios da Cultura e da Educação, em 31 de agosto de 2006. Com quatro eixos estratégicos (democratização do acesso, fomento à leitura e à formação de mediadores, valorização institucional da leitura e de seu valor simbólico e fomento à cadeia criativa e à cadeia produtiva do livro), o PNLL propõem linhas de ação para garantir a sua implementação. Os eixos estratégicos são:

Em 2009, com a Resolução/CD/FNDE nº 7, de 20 de março de 2009, o Governo regulamenta o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) que existia desde 1997. Com o objetivo de promover o acesso à cultura e incentivar a leitura de alunos e professores por meio da distribuição acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência.

Com o intuito de democratizar o acesso o Governo criou o Programa Nacional do Livro e do Material Didático – PNLD, por meio do no Decreto nº 9.099/2017 que auxilia na escolha das obras literárias e didáticos que serão utilizadas nas escolas.

É importante mencionar que esse programa ampliou a possibilidade de incluir novos recursos didáticos além dos tradicionais, tais como: obras pedagógicas, softwares e jogos educacionais, e, as literárias. As obras são avaliadas por especialistas e quando aprovadas são inseridas ao Guia Digital do PNLD, então desta forma as escolas que se inscreveram no Programa, seu corpo docente e equipe pedagógica fazem a escolha da coleção que será utilizada em cada etapa de ensino.

A instituição da Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), por meio da Lei nº 13.696, em 13 de julho de 2018, foi mais uma estratégia para a promoção do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas de acesso público no Brasil.

Para sabermos como está o Brasil com relação à prática leitora principalmente tendo em vista os jovens que serão os adultos leitores e profissionais das mais diversas áreas de atuação, é importante observarmos os dados do relatório Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes, na sigla em inglês) referente a 2018:

A média de proficiência dos jovens brasileiros em letramento em Leitura no Pisa 2018 foi de 413 pontos, 74 pontos abaixo da média dos estudantes dos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que foi de 487. A métrica para a escala de Leitura, estabelecida em 2000, baseou-se em uma média dos países da OCDE de 500 pontos, com desvio-padrão de 100 pontos. (BRASIL, 2020, p. 68).

Ainda que os modelos de avaliação em larga escala mereçam uma reflexão mais apurada, rapidamente podemos dizer o Brasil aumentou seis pontos em relação a edição de 2015 embora esse crescimento não tenha tanta relevância estatística uma vez que muitos países também tiveram um aumento.

Outro dado relevante para uma análise do desempenho da atividade leitora no Brasil são os dados da 5ª edição da pesquisa, ainda sobre a última pesquisa Retratos da Leitura 2019, publicada em setembro de 2020. Essa pesquisa tinha como objetivo “conhecer o comportamento do leitor medindo as condições de leitura e de acesso ao livro impresso e digital pela população brasileira”. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 6). Segundo a pesquisa, 52% da população da amostra (8.076 entrevistas em 208 municípios) se diz leitor, ou seja, “é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses anteriores a pesquisa. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 19).

A pesquisa é apenas uma amostra e possui fragilidades que poderiam ser analisadas posteriormente. Entre elas podemos apontar o fator de ser baseada na resposta espontânea visto que há certa “culpa” por parte do entrevistado em não ler o que pode fazê-lo não ser realista ou honesto na resposta. Uma das pistas para essa afirmação é que apenas 24% dos entrevistados responderam “ler livros” à pergunta “o que gosta de fazer em seu tempo livre?” (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 61).

Com relação à pergunta sobre se houve influência de alguém para despertar o gosto pela leitura, dos 34% que responderam “sim”, 11% responderam que a maior influência foi de um professor ou professora e 8% de mãe ou responsável do sexo feminino. (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2020, p. 71).

Para a pergunta “como começou a se interessar por literatura”, 52% responderam “por causa de indicação da escola ou de um professor ou professora”.

A referência à escola/professor(a) mencionada na última questão, demonstra que o espaço escolar é a maior referência para a leitura. A escola abriga tanto as melhores como as piores experiências de leitura. Ela é (ou deveria ser) o espaço por excelência de desenvolvimento e aperfeiçoamento do exercício de ler. Para realizar esse papel ela precisa contar com mediador/a que, mais do que gostar de ler, saiba verdadeiramente trabalhar com a literatura como afirma Amarilha e Saldanha:

Sabemos que o professor terá a relevante atribuição de trabalhar a literatura em sala de aula, de aproximar o texto do leitor e do livro. Para isso, precisa de um repertório de leitura de literatura e uma formação teórico-metodológica que lhe dê suporte para desenvolver esse trabalho. (AMARILHA; SALDANHA, 2016, p. 387).

Sendo assim, é na formação de docentes e pedagogos(as) que se pode constituir ou se consolidar esse pré-requisito para a atuação na escola.

Todavia, seria possível integrar o desenvolvimento da prática de leitura literária, juntamente com a formação acadêmica em pedagogia? Ou seja, mesmo que até o ingresso no curso, a experiência com leitura tenha sido mediana ou baixa, seria possível a universidade contribuir para compensar ou recuperar essa carência na formação?

Com base nessas indagações nos questionamos se é possível despertar o “gosto” pela leitura e de que maneira a universidade poderia ter a sua contribuição no desenvolvimento ou aprimoramento dessa sensibilidade estética.

Esse desafio e a crença no poder transformador da leitura é o que nos move na direção de almejar um aprofundamento nesse estudo para poder analisar como se caracteriza o estímulo pela leitura do professor(a) pedagogo(a) em formação; em que medida a pouca ou nenhuma leitura limita a formação docente; quais os possíveis impactos nos(as) estudantes que terão esses professores como mediadores de leitura nas suas trajetórias; analisar se o ambiente e o currículo da universidade favorecem a (o) estudante a adquirir o gosto pela leitura.

## 5 O SILENCIAMENTO DA LITERATURA

Ler e escrever são atividades indispensáveis para muitas profissões e atividades, especialmente as acadêmicas, conforme afirma Joaquim Severino:

A educação universitária, para realizar suas tarefas básicas de pesquisa, de ensino e de extensão, precisa da leitura e da escrita como instrumentos fundamentais de atuação. É por meio delas que o estudante poderá mergulhar no universo do conhecimento acumulado que lhe é posto à disposição. É por meio delas que os professores poderão operacionalizar sua contribuição ao processo de ensino/aprendizagem. (SEVERINO, 2001, p. 79).

A docência e ou a atuação do(a) pedagogo(a) atrela-se ao universo referido por Severino (2001), durante a formação uma vez que, a função social da universidade se constrói, se consolida e se manifesta nesse tripé em que o ensino, a pesquisa e a atividade de extensão se unem para devolver à sociedade todo o conhecimento produzido. Há disputas entorno dos campos pedagógicos. E, mesmo uma tentativa de resposta à sociedade.

No Currículo Pleno do Curso de Pedagogia, fixado pela Resolução nº 30/08 do CEPE, a atividade de pesquisa no curso de Pedagogia da UFPR inicia no primeiro ano do curso com a disciplina Pesquisa Educacional, com carga horária de 60 horas. A pesquisa, sendo um dos tripés da formação universitária, é oportunizada em outros momentos do curso e em conjunto com os projetos de pesquisa dos docentes.

Em Gonçalves e Vieira (2016), com relação ao currículo 2008-2018, vemos que:

Outro aspecto que merece destaque é a ampliação, no currículo, da pesquisa educacional, presente desde 1985, mas que conta com o Trabalho de Conclusão de Curso, a partir do currículo de 2007. Houve ainda outras mudanças, inclusões, como a Educação Infantil, e de forma geral elas acompanharam as discussões, desafios e demandas presentes no contexto de construção dos diversos currículos pelos quais o Curso passou, incluindo a questão da identidade e função do pedagogo. (GONÇALVES e VIEIRA, 2016, p. 1441).

Mesmo com a extensão do tempo (de quatro para cinco anos) esse currículo não apresenta, entre as disciplinas obrigatórias, alguma que estivesse relacionada ao ensino ou à prática de leitura. A disciplina Metodologia do Ensino de Literatura Infantil na pré-escola (código EM087) foi incluída como optativa e sem equivalência no currículo em vigência até 2008. Em 2018, com a Resolução nº 110/18-CEPE, foram incluídas ao Currículo Pleno do Curso de Pedagogia as disciplinas optativas Leitura, Escrita e Formação e Leitura e Mediação.

A discussão em torno da presença ou a ausência da Literatura no currículo e na formação ocorre para além da sua relação direta com a necessidade dessa prática na escola, se faz pela disputa dos campos no espaço acadêmico.

Burke (2003, p.12) afirma que: “Até se tornar conhecimento, ciência, o que surgiu como ideia pode percorrer por várias etapas até ser constituir num estudo organizado e sistemático e essa trajetória pode ser árdua e longa [...]” Esse espaço da literatura como ciência parece ficar subsumida entre outros campos.

Das 35 disciplinas do currículo do curso analisadas nenhuma tem por enfoque abordar o lugar dessa ciência.

A partir da análise das referências bibliográficas que compõe a formação do(a) Pedagogo(a) na UFPR, é imprescindível abordar o sentido do currículo, de acordo com Moreira e Silva (1994, p. 29) mencionam que o currículo é a expressão das relações sociais de poder, pois são definidos como oficiais, ou seja, este é o conhecimento válido e importante, e são determinados por grupos e classes que tem essa relação de poder dentro da instituição.

O currículo é visto como uma relação de poder, pois ele transmite visões sociais particulares e interessadas, produz identidades individuais e sociais particulares. “[...] ele tem uma história, vinculada a formas específicas e contingentes de organização da sociedade e da educação.” (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 8)

Se o currículo produz identidades e se a história do currículo é vinculada a organização da sociedade e da educação, seria importante que a literatura fosse um campo de conhecimento no currículo de pedagogia? A literatura não deveria ser tratada como currículo oculto ou como uma temática que pode ser trabalhada na sala de aula em uma disciplina ou outra.

“[...] Desnaturalizar e historicizar o currículo existente é um passo importante na tarefa política de estabelecer objetivos alternativos e arranjos curriculares que sejam transgressivos da ordem curricular existente. [...]” (MOREIRA e SILVA, 1994, p. 31).

Com base nisso, indagamos se temos em nossa formação o que é exigido dos docentes nas escolas e se o nosso currículo foi elaborado pensando na nossa formação de professores(as) pedagogos(as) e ou na própria escola.

Nesse sentido, a identidade do professor(a) pedagogo(a) leitor(a) é uma lacuna secularizada, de acordo com Burke (2003):

[...] nos tornamos (tanto escritor quanto leitores) mais conscientes do “sistema de conhecimento” em que vivemos, descrevendo e analisando sistemas que mudaram no passado. Quando se habita um sistema, ele parece em geral como “senso comum”. É só pela comparação que podemos vê-lo como um sistema entre outros.” (BURKE, 2003, p. 12).

Ao observarmos o sistema de conhecimento exposto no currículo do Curso de Pedagogia da UFPR, claro ancorado na legislação vigente no país que determina um modelo de formação, abordar para além do senso comum a relação da ausência da Literatura, dando-lhe o espaço para ser tornar perguntar na formação do(a) pedagogo(a). Se para Burke (2003) diferentes culturas constroem diferentes conhecimentos, o que a ausência da literatura na formação do(a) pedagogo(a) nos diz de um corte intelectual de campo?

Uma vez que defendemos a importância da literatura na formação docente sendo como representação da arte, produção da identidade e personalidade do aluno, ou por ser parte da formação do sujeito leitor, enfatizamos que essas habilidades ou a ausência dela refletirão nas escolas.

A instituição responsável por inserir as pessoas na cultura escrita e por letrá-las é a escola. Embora não seja a única, é a que detém o melhor conhecimento e condições apropriadas para levar o trabalho de formação de leitores a bom termo. Se não o faz satisfatoriamente, precisa ser mais bem capacitada e mais estimulada a fazê-lo (COSTA, 2009, p. 111).

De acordo com Severino (2001) qualquer leitura deve ser crítica, vigilante e cuidadosamente preparada. É necessário entender o contexto em que o texto foi produzido para compreendê-lo completamente. A recomendação de Severino revela o quanto um texto pode estar carregado de ideias, cultura, conceitos e valores. A perseguição que governos totalitários sempre aplicaram sobre alguns livros é a prova do quanto o conhecimento que eles transportam pode ameaçar o poder estabelecido.

Compreendendo o lugar de poder que emana o currículo universitário abordar a ausência da literatura é também reconhecer seu lugar na escola, em que ocupa o lugar didatizado. É nesse sentido, que para ampliar o papel e seu espaço na escola, a literatura precisa contar com professor(a) pedagogo(a) que tenha esse conhecimento de campo e universidades que incentivem a literatura como campo e a leitura na formação do pedagogo(a). Costa (2009) afirma que:

[...] antes de atuar pedagogicamente, o professor deve ser um leitor. [...] Com docentes que não lêem, a formação de novos leitores fica na dependência de

receitas, fórmulas, preceitos criados por outros, e dos quais o professor se faz intermediário, sem compromisso, nem crença. Será um executor, jamais um criador. Suas aulas serão recitativas de um texto de autoria alheia (COSTA, 2009, p. 64).

O silenciamento da literatura na formação inicial do(a) professor(a) e pedagogo(a) demonstra o lugar dela no processo de escolarização também, em que se situa como um apoio pedagógico a disciplina da língua materna, como diria Saldanha (2016) uma abordagem funcional da literatura. E, sua ausência nos documentos oficiais narram seu caráter de outra formação, de acordo com Candido (2012) a pedagogia oficial - fez da literatura uma resposta pedagógica moral.

Com pesquisas desde o início dos anos 1990, Petit (2019) tem demonstrado a função da leitura na construção ou reconstrução da identidade e a importância dos espaços de leitura. A partir dos seus estudos sobre as experiências de transmissão cultural nos dias de hoje, apresenta uma forte argumentação em defesa do direito à literatura (oral e escrita) bem como a arte além de denunciar a cobrança que se faz a respeito da utilidade prática das artes e das letras:

[...] ler talvez sirva antes de tudo para elaborar um sentido, dar forma a sua experiência, ou a seu lado escuro, sua verdade interior, secreta; para criar uma margem de manobra, ser um pouco mais sujeito de sua história; por vezes, para consertar algo que se quebrou na relação com essa história ou na relação com o outro; para abrir caminho até os territórios do devaneio, sem os quais não existe pensamento nem criatividade. (PETIT, 2019, p. 43).

A urgência em pensarmos a respeito da formação inicial do(a) professor(a) pedagogo(a) encontra ecos em todas as leituras realizadas para esse trabalho. Uma formação humana baseada em princípios éticos, com responsabilidade social, que valorize a diversidade e tenha estrito respeito aos direitos humanos será profundamente lesada se for privada da literatura.

Petit (2019) assegura que:

[...] sob todas as suas formas (mitos e lendas, contos, poemas, romances, teatro, diários íntimos, histórias em quadrinhos, livros ilustrados, ensaios — desde que sejam "escritos"), fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas. [...] Muito além de uma ferramenta pedagógica, a literatura é aqui uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la. (PETIT, 2010, p. 284)

Seria importante não perdermos a essência do que nos faz humanos, a arte em suas diversas maneiras, bem como, por meio da literatura, pois “a literatura é alimento dos espíritos indóceis e propagadora da inconformidade” (LLOSA, 2010, p. 10), além de a literatura suprir a necessidade de conhecimento, ela também nos faz iguais, por meio dela nos unimos como seres humanos,

A literatura, ao contrário, diferentemente da ciência e da técnica, é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais, as geografias, as circunstâncias em que se encontram e as conjunturas históricas que lhes determinam o horizonte. Nós, leitores de Cervantes ou de Shakespeare, de Dante ou de Tolstói, nos sentimos membros da mesma espécie porque, nas obras que eles criaram, aprendemos aquilo que partilhamos como seres humanos, o que permanece em todos nós além do amplo leque de diferenças que nos separam. E nada defende melhor os seres vivos contra a estupidez dos preconceitos, do racismo, da xenofobia, das obtusidades localistas do sectarismo religioso ou político, ou dos nacionalismos discriminatórios, do que a comprovação constante que sempre aparece na grande literatura: a igualdade essencial de homens e mulheres em todas as latitudes, e a injustiça representada pelo estabelecimento entre eles de formas de discriminação, sujeição ou exploração. (LLOSA, 2010, p. 5)

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é um instrumento poderoso de transformação da sociedade. Seu potencial revolucionário sempre foi (e é) controlado muito de perto pelos sistemas totalitários de governo. Mesmo nos governos mais democráticos, onde os mecanismos de controle não são tão evidentes, o incentivo às práticas de leitura é afetado pelas frágeis políticas de promoção o que demonstra o baixo interesse do poder público em consolidar essa prática.

Maria (2016) faz uma diferenciação importante quando apresenta seus argumentos para a sua defesa da literatura principalmente nas licenciaturas:

Porque leitor é quem lê por conta própria, quem frequenta livrarias ou bibliotecas e faz suas próprias escolhas de leitura, quem mantém acesa a curiosidade. E o que eu observo é que, entre aqueles que são ou serão professores, poucos são os que leem por interesse próprio, por gosto, pelo prazer da descoberta. Poucos são os que leem literatura prazerosamente. Enquanto os cursos universitários – principalmente as licenciaturas – não se preocuparem com o fato de os alunos serem ou não leitores, a educação básica vai continuar capenga. [...] Leitura não diz respeito apenas aos professores de língua portuguesa. Enquanto os alunos-futuros-professores não construírem suas histórias de leitor, enquanto não enraizarem em suas vidas a leitura como prática emancipatória, a leitura como espaço de conhecimento e experiência, enquanto não se tornarem leitores autônomos, leitores plenos, pouca condição terá de formar leitores em suas salas de aula. Formar leitores deve ser prioridade, porque é uma questão estratégica para o desenvolvimento de um povo. (MARIA, 2016, p. 145).

Com uma experiência de mais de 30 anos, a autora demonstra por meio de vários relatos que é possível tornarem-se leitor mesmo que você não tenha sido leitor desde criança. É claro que se você cresceu em um ambiente familiar favorável à leitura, com livros à disposição e onde as pessoas liam livros com regularidade, é mais provável que você faça da leitura um dos seus lazeres favoritos. Mas essa não é a realidade da maioria dos lares brasileiros. Inicialmente nos questionávamos se é possível despertar o gosto pela leitura e de que maneira a universidade poderia contribuir, bem como, analisar se o ambiente e o currículo da universidade favorecem a (o) estudante a adquirir o gosto pela leitura.

Concluimos que é durante a formação do pedagogo que se constrói esse pré-requisito para a atuação na escola, no entanto, com base nas informações levantadas a respeito do Currículo do Curso de Pedagogia percebemos que a literatura não faz parte das disciplinas obrigatórias, o que nos instigou a mudar o foco de nossa pesquisa, afinal a pedagogia precisa da literatura?

Como mencionado, o silenciamento da literatura na formação inicial do(a) professor(a) e pedagogo(a) demonstra o lugar dela no processo de escolarização.

A literatura pode ser tudo (ou pelo menos muito) ou pode ser nada, dependendo da forma como for colocada e trabalhada em sala de aula. Tudo, se conseguir unir sensibilidade e conhecimento. Nada, se todas as suas promessas forem frustradas por pedagogias desconstruídas (SILVA, 2008, p. 46).

Sabemos que a discussão pela inclusão da literatura no currículo de pedagogia vai muito além da necessidade dessa prática, está relacionada à disputa de poderes. “O currículo não é neutro, mas território de disputas, no qual o grupo vencedor determina os conhecimentos necessários à formação a ser oferecida em determinado curso.” (AMARILHA; SALDANHA, 2018, p. 3). Contudo, apresentamos algumas pesquisas que apontam para a importância da leitura para a formação do pedagogo, pois o professor(a) pedagogo(a) que “[...] não dispuser de uma formação que proporcione conhecer a riqueza do texto literário e a experiência estética dificilmente terá condições de explorar a sensibilidade e a diversidade de conhecimentos presentes na literatura” (AMARILHA; SALDANHA, 2018, p. 6), bem como, os professores que irão trabalhar em sala de aula.

Sendo a literatura um direito que está relacionado à formação da humanidade, “[...] a leitura de literatura propicia adentrar no universo humano, conhecer suas características, peculiaridades, seus anseios, amores e dissabores, o que favorece o alargamento de horizontes, pouco possível em outras formas de criação.” (AMARILHA; SALDANHA, 2018, p. 3).

Esse caráter humanizador da literatura também é referido por Nussbaum (2015, p. 99), e ela vai além dizendo que a democracia precisa das humanidades e acredita que a arte tem um papel fundamental para a formação dos cidadãos “[...] histórias e canções infantis representam uma preparação importante para que ela (a criança) venha a ser alguém que se preocupa com os outros.” Assim também para Candido se refere a literatura como uma arte que “[...] desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. (CANDIDO, 2017, p.182).

Ainda nos indagamos o que a leitura faz com o nosso cérebro e por que a linguagem é considerada um dos elementos fundadores da cultura? Os professores(as) pedagogo(a) e os(as) estudantes de Pedagogia lêem? esses questionamentos nos impulsionaram a continuar essa pesquisa em um trabalho futuro, pois necessitaria de um trabalho de campo mais aprofundado e de contato que o momento atual não nos permite.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Brasil no Pisa 2018** [recurso eletrônico]. – Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2020.185 p.: il.
- BURKE, P. **Uma história social do conhecimento – I: de Gutenberg a Diderot**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CANDIDO, A. **A literatura e a formação do homem**. Disponível em: <file:///f:/nova%20pasta/8635992-texto%20do%20artigo-5655-1-10-20150615.pdf>. Acesso em 21 set. 2020.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2017.
- COSTA, M. M. da. **Sempre viva, a leitura**. Curitiba: Aymar, 2009.
- DEHAENE, S. **Os neurônios da leitura: como a ciência explica a nossa capacidade de ler**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- FRAZÃO, D. **Biografia de Antonio Candido**. Disponível em: [https://www.ebiografia.com/antonio\\_candido/](https://www.ebiografia.com/antonio_candido/). Acesso em: 05/02/2021.
- IBGE. **Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015**. Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2016.
- INEP/MEC – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **CENSO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO BÁSICA 2018 CADERNO DE INSTRUÇÕES**. Brasília, jun/2018.
- INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil 5ª edição**. Disponível em: <<http://plataforma.prolivro.org.br/retratos.php>>. Acesso em: 14 nov. 2020.
- MOREIRA, A. F.B; SILVA, T. T. **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994. p. 6-31.
- PETIT, M. **Ler o mundo: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje**. São Paulo: Editora 34, 2019.
- PUCHENER, M. **O mundo da escrita: Como a literatura transformou a civilização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- SALDANHA, D. M. L. L.; AMARILHA, M. **O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária**. Curitiba: Educar em Revista, 2018. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602018000600151](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602018000600151). Acesso em: 02/02/2021.
- SEVERINO, A. J. A importância do ler e do escrever no ensino superior. In: CASTANHO, S.; CASTANHO, M. E. (org.). **Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior**. Campinas: Papyrus Editora, 2001, pp. 71 – 79.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, E. T. **Literatura e Pedagogia: reflexão com relances de depoimento**. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, E. T. *Literatura e pedagogia: ponto e contraponto*. São Paulo: Global; Campinas: ALB - Associação da Leitura do Brasil, 2008.

SIN-LEQI-UNNINNI. **Ele que o abismo viu: epopéia de Gilgámesh**. Tradução do Acádio, introdução e comentários Jacyntho Lins Brandão. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TIBURI, M. **Filosofia em comum: para ler-junto**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Documentos da Coordenação de Pedagogia**. Disponível em: <http://www.pedagogia.ufpr.br/apresentacaohtml.html>. Acesso em 31 de ago. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ (UFPR). **Setor de Educação**. Resolução 30/08 – CEPE. Fixa o Currículo Pleno do Curso de Pedagogia, do Setor de Educação.

VIEIRA, C.E.; GONÇALVES, N.G. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. especial, p. 1441-1464, dez. 2016.

## **ANEXOS**

**ANEXO 1 – CURSO DE PEDAGOGIA – MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL: MATRIZ  
CURRICULAR-OBRIGATÓRIAS/2009 (RESOLUÇÕES 30, 31, 32 E 33/08 CEPE/UFPR)**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ-UFPR  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS  
INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

CURSO DE PEDAGOGIA – MAGISTÉRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL E DOS ANOS INICIAIS DO  
ENSINO FUNDAMENTAL

MATRIZ CURRICULAR-OBRIGATÓRIAS/2009

(Resoluções 30, 31, 32 e 33/08 CEPE/UFPR)

<u>CURRÍCULO 2009 - OBRIGATÓRIAS</u>		
<b>CÓD</b>	<b>DISCIPLINAS E EMENTAS</b>	<b>CARGA HORÁRIA</b>
<b>1º ANO</b>		
ET433	<b>Filosofia da Educação I</b> Conceito de Filosofia e Filosofia da Educação. Objeto da Filosofia da Educação. Abordagem Lógica, Ética, Metafísica, Estética e Epistemológica da Filosofia da Educação. Os fundamentos filosóficos dos projetos educativos na Antiguidade e sua relação com o conceito e a formação do Homem. A matriz conceitual da Modernidade (Racionalismo, Empirismo) e a mudança de perspectiva em relação à formação do Homem. O fundamento da construção de uma possível ciência pedagógica.	90h
ET435	<b>História da Educação I</b> Concepções e objetivos do estudo da História da Educação. Inter-relações entre educação, cultura e cotidiano em diferentes períodos históricos. Mudanças dos processos educacionais: das práticas educativas, das teorias pedagógicas e das organizações do ensino escolar em diferentes contextos e períodos históricos das sociedades ocidentais.	60h
ET432	<b>Biologia Educacional</b> A Biologia educacional e os Fundamentos da Educação. As bases biológicas do crescimento e desenvolvimento humano: interação de fatores e a contribuição da biologia ao processo educativo. A dimensão neurobiológica na compreensão do processo ensino aprendizagem e desenvolvimento da inteligência. Os temas do meio ambiente e saúde.	120h
EP098	<b>Função Social do Pedagogo</b> Dimensão histórica da formação do pedagogo no Brasil – da origem às formulações atuais.. Concepções e tendências da formação e da atuação do(a) pedagogo(a) face à conjuntura contemporânea	30h

	brasileira nos âmbitos social, cultural, econômico, político e educacional escolar e não-escolar: desafios.	
EP096	<b>Organização e Gestão da Educação Básica I</b> Aspectos históricos do processo de constituição do sistema educacional brasileiro. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação – Lei 9394/96. A Organização dos sistemas da Educação Básica e a articulação entre os diferentes níveis, etapas e modalidades de ensino: os desafios da democratização social e escolar.	60h
EP097	<b>Organização e Gestão da Educação Básica II</b> A legislação complementar vigente, em âmbito nacional e local, na Educação Básica e suas relações com a organização e gestão da escola. Análise dos indicadores sociais e educacionais, quantitativos e qualitativos, referentes à demanda, à oferta e à qualidade da Educação Básica em suas diferentes etapas e modalidades.	60h
EM455	<b>Pesquisa Educacional</b> Elementos de Epistemologia da Ciência. Processos de produção de conhecimento em Ciências Humanas. Fundamentos teórico-metodológicos das pesquisas em Educação. Campos de pesquisa educacional. Processo e etapas da pesquisa. Elementos de projetos de pesquisa. Normas para apresentação do trabalho científico. Análise de trabalhos de pesquisa produzidos na área da Educação.	60h
ET030	<b>Fundamentos da Educação Infantil</b> Concepções de infância a partir do enfoque interdisciplinar considerando a base histórica, biológica, psicológica, antropológica e sociológica. Implicações para a educação infantil. Políticas contemporâneas de atendimento à infância: concepções, características e objetivos.	30h
ET439	<b>Fundamentos da Educação Especial</b> Evolução histórica da Educação Especial no Brasil. Princípios norteadores da Educação Especial e da Educação Inclusiva. Legislação e normas. Caracterização da clientela. Programas de atendimento. Formação de Recursos Humanos.	60h
<b>2ºANO</b>		
ET434	<b>Filosofia da Educação II</b> As correntes filosóficas da Modernidade (Iluminismo, Materialismo, Positivismo). As correntes filosóficas contemporâneas (Fenomenologia, Hermenêutica, Existencialismo, Pragmatismo, Teoria Crítica). Implicações e influência destas correntes filosóficas na Educação. Conceito de indivíduo e pessoa e sua relação com a práxis educacional. A ciência da Educação como elo agregador entre o indivíduo (cidadão) e a sociedade. Temáticas filosóficas no Ensino Fundamental. A filosofia para crianças e a Filosofia para o pensar.	90h
ET436	<b>História da Educação II</b> Concepções e objetivos do estudo da História da Educação Brasileira. Importância das inter-relações socioculturais para a compreensão da realidade educacional. O processo educacional: as práticas educativas presentes na sociedade, as teorias pedagógicas e as organizações do ensino escolar em diferentes contextos e períodos históricos da sociedade brasileira.	60h

ET440	<b>Sociologia da Educação</b> A sociologia enquanto área de conhecimento que analisa a relação entre educação e sociedade. A educação como fato social. Educação e socialização. Escola enquanto instituição social e sua função social. Educação e reprodução social. Educação e mudança social. Abordagem sociológica de problemas educacionais brasileiros.	120h
ET437	<b>Psicologia da Educação I</b> A Psicologia da Educação na análise e compreensão dos diversos contextos educacionais. Abordagens psicológicas do desenvolvimento e da aprendizagem: perspectivas psicanalítica, humanista e behaviorista.	60h
EP104	<b>Educação e Trabalho: A categoria trabalho, suas relações com a educação e com os processos de escolarização; o trabalho como princípio educativo; mudanças no mundo do trabalho e educação; implicações das relações entre trabalho e educação para a organização do trabalho pedagógico escolar e não escolar.</b>	60h
EM246	<b>Metodologia de Ensino da Educação Infantil</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos de ensino da educação infantil.	30h+15h
EM243	<b>Metodologia de Ensino de Artes</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de Artes na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	30h+15h
EM450	<b>Didática</b> O conhecimento didático e suas relações com as demais áreas do conhecimento. A ação didática e sua inserção na cultura. A educação, os processos de escolarização e a formalização da ação didática, a partir dos significados histórico-culturais locais e globais. A relação pedagógica: professor, aluno, conhecimento e os diferentes aspectos do ensinar e aprender. Os sujeitos, as novas subjetividades e os novos objetos da educação nos cruzamentos culturais. A formação docente e suas especificidades no mundo contemporâneo.	90h
EP101	<b>Educação de Jovens e Adultos</b> A construção histórica da Educação de Jovens e Adultos no Brasil: concepções e políticas. Os sujeitos e a especificidade do trabalho pedagógico em EJA: tempo, trabalho e cultura.	30h
<b>3ºANO</b>		
EM452	<b>Prática Pedagógica A – Estágio em Docência na Educação Infantil</b> Análise crítica da prática pedagógica na Educação Infantil. Desenvolvimento da ação docente em projetos de intervenção pedagógica na perspectiva da pesquisa, ação e reflexão.	120h
EM241	<b>Metodologia de Ensino de História</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de História na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	30h+15h
EM239	<b>Metodologia de Ensino da Língua Portuguesa</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de Língua Portuguesa na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	30h+15h

EP103	<b>Políticas Educacionais</b> Concepções de Política, Poder, Estado e Democracia e suas relações com a educação. Reformas Educacionais no Brasil e na América Latina. Planejamento e gestão da educação: Planos de educação, regime de colaboração, municipalização, descentralização. Políticas para a educação básica e ensino superior. Financiamento da Educação: Fundos públicos, vinculação orçamentária, descentralização financeira, manutenção e desenvolvimento do ensino.	60h
EM454	<b>Alfabetização</b> Fundamentos linguísticos, psicolinguísticos e sociolinguísticos da alfabetização. Aspectos históricos da alfabetização. Características e psicogênese da leitura e da escrita. Encaminhamento metodológico da alfabetização na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos.	60h
ET438	<b>Psicologia da Educação II</b> Abordagens psicológicas do desenvolvimento e da aprendizagem: perspectivas psicossociais, interacionistas e cognitivistas.	60h
EP 445	<b>O Trabalho Pedagógico na Educação não-escolar</b> Fundamentos epistemológicos da Pedagogia e os processos educativos não escolares: movimentos sociais, setor produtivo, organizações populares e entidades da sociedade civil, no contexto brasileiro contemporâneo, evidenciando sua identidade enquanto ciência que estuda e produz conhecimento pedagógico. O papel do pedagogo nos processos de produção, organização e articulação do conhecimento e da práxis pedagógica no âmbito das relações sociais e culturais concretas; análise da dimensão educativa em espaços não escolares: pesquisa de campo.	90h
ET441	<b>Comunicação em Língua Brasileira de Sinais LIBRAS: Educação Bilíngue de Surdos</b> História da surdez e da língua de sinais. Constituição do sujeito surdo. Noções básicas da língua de sinais brasileira.	60h
ET075	<b>Estudos da Infância</b> Infância como construção social. Contribuições do campo da história, da sociologia e da psicologia para a temática da infância. A construção histórica da educação infantil no Brasil. A especificidade do trabalho em educação infantil: cuidado e educação. Infância e diversidade cultural: relações de raça/etnia, gênero e idade A pesquisa sobre infância e educação infantil.	30h
<b>4ºANO</b>		
EM199	<b>Prática Pedagógica B – Estágio em Docência nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental</b> Análise crítica da prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental e/ou na Educação de Jovens e Adultos. Desenvolvimento da ação docente em projetos de intervenção pedagógica na perspectiva da pesquisa, ação e reflexão.	120h
EM240	<b>Metodologia de Ensino de Matemática</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de Matemática na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	45h

EM242	<b>Metodologia de Ensino de Geografia</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de Geografia na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	45h
EM244	<b>Metodologia de Ensino de Educação Física</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de Educação Física na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	45h
EM245	<b>Metodologia de Ensino de Ciências</b> Contextualização histórica. Fundamentos teóricos metodológicos do ensino de Ciências na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.	45h
EP 446	<b>Avaliação Educacional</b> Avaliação do processo educacional: sujeitos, natureza, concepções, procedimentos e instrumentos teórico-metodológicos. Principais concepções, tendências e perspectivas da avaliação historicamente presentes no ensino brasileiro. Indicações legais para a área da avaliação educacional e seus desdobramentos na prática pedagógica. A avaliação institucional: limites e possibilidades. As políticas de avaliação educacional no Brasil.	60h
EP 447	<b>Currículo: Teoria e Prática</b> O campo curricular educacional como uma construção: pedagógica, cultural, histórico-social, política e econômica. As teorias curriculares na literatura internacional e brasileira. Propostas Curriculares Oficiais e as influências na educação básica: adesão e resistência. Tendências curriculares contemporâneas. Fundamentos teórico-metodológicos na organização curricular da educação básica e suas modalidades. Currículo em ação na educação escolar e não escolar: mediações e interpretações dos sujeitos da prática pedagógica.	60h
ET073	<b>Tópicos Especiais em Psicologia da Educação</b> A relação entre Psicologia da Educação, Educação e mundo contemporâneo. Discussão das propostas de pesquisa e/ou intervenção relativas a problemas atuais no contexto educacional.	60h
<b>5º ANO</b>		
EP449	<b>Prática Pedagógica C – Estágio Supervisionado na Organização Escolar</b> Participação do estagiário no trabalho pedagógico escolar considerando aspectos preponderantes do Projeto Político Pedagógico e da formação do aluno na sociedade brasileira contemporânea. Caracterização dos processos presentes na organização do trabalho pedagógico escolar na perspectiva teórico-prática. Investigação e problematização do trabalho pedagógico escolar e da ação do pedagogo mediante construção de categorias de análise da escola campo de estágio. Elaboração de Relatório de caráter analítico contemplando a reflexão teórico-prática do processo de estágio com elementos indicativos para a formulação do Plano de Ação do Pedagogo.	240h
EP448	<b>Organização do Trabalho Pedagógico</b> A função da escola básica em seus diferentes níveis e modalidades no contexto histórico e cultural contemporâneo: aspectos sociais,	90h

	políticos e econômicos. O pedagogo como articulador do trabalho pedagógico: sujeitos, tempos, espaços, conhecimentos, saberes, métodos. A escola como espaço de qualificação da atuação educador (professor, pedagogo e demais sujeitos). O processo pedagógico: a gestão, o planejamento, o currículo e a avaliação escolar.	
EP099	<b>Educação, Tecnologia e Cultura das Mídias</b> Relações entre educação, tecnologia e cultura das mídias. Tecnologia e mídias como produto social e como processos produtores da cultura na contemporaneidade. Teorias da comunicação: conceitos, escolas e tendências. Cultura de massas, indústria cultural e educação. Redes de conhecimento. Implicações das relações entre tecnologia e mídias para os processos pedagógicos escolares e não escolares.	30h
EP450, ET442, ET456	<b>Trabalho de Conclusão de Curso</b> Desenvolvimento de pesquisa na área educacional, culminando em elaboração de trabalho monográfico.	210h
	<b>OPTATIVAS</b>	300h
AAC017	<b>ATIVIDADES FORMATIVAS COMPLEMENTARES</b>	110h
	<b>CARGA HORÁRIA TOTAL</b>	3200h

## ANEXO 2 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO DEPARTAMENTO DE PLANEJAMENTO E EDUCAÇÃO ESCOLAR – DEPLAE

### 1. DISCIPLINA: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA I CÓDIGO: EP096

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, Brasília.** Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 15 abr. 2013.
2. \_\_\_\_\_. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 15 abr. 2013.
3. OLIVEIRA, R. P. O direito à Educação. In: OLIVEIRA, R. P. ADRIÃO, T. (org.). **Gestão, financiamento e direito à educação: análise da Constituição Federal e da LDB.** 3ª ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Xamã, 2007, p. 15-28.

### 2. DISCIPLINA: ORGANIZAÇÃO E GESTÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA II CÓDIGO: EP128/EP097

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- GOUVEIA, Andréa Barbosa; SOUZA, Ângelo Ricardo de; SILVEIRA, Adriana Dragone. **Efetividade das políticas educacionais nos sistemas de ensino brasileiro: leituras a partir do Índice de Condições de Qualidade (ICQ).** Curitiba: Appris, 2016.
1. JANNUZZI, Paulo de Martino. **Indicadores para diagnóstico, monitoramento e avaliação de programas sociais no Brasil.** Revista do Serviço Público, Brasília v. 56, p. 137-160, Abr/Jun 2005.
  2. OLIVEIRA, Romualdo Portela de. **Da universalização do ensino fundamental ao desafio da qualidade: uma análise histórica.** Educação & Sociedade, São Paulo, v. 28, p. 661-690, 2007.

### 3. DISCIPLINA: CURRÍCULO: TEORIA E PRÁTICA CÓDIGO: EP447

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. AGUIAR, Marcia Angela; DOURADO, Luiz F. (Orgs). **A BNCC na contramão do PNE 2014-20124: avaliação e perspectivas.** Recife: ANPAE, 2018.

2. MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. Sociologia e Teoria Crítica do Currículo: uma Introdução. In: MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T (orgs.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.
3. SILVA, M. R. **Currículo e Competências**: a formação administrada. São Paulo: Cortez, 2008.
4. YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? **Educação e Sociedade**. Campinas, vol. 28, n. 101, p. 1287-1302, set./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v28n101/a0228101.pdf>.

#### 4. DISCIPLINA: POLÍTICAS EDUCACIONAIS CÓDIGO: EP103

##### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. SOUZA, A. R. **A política educacional e seus objetos de estudo**. Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en Política Educativa. V. 1, n. 1, 2016. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/retepe/article/download/10450/5906>
2. BRASIL. MEC. **Relatório Educação para Todos no Brasil, 2000-2105**. Brasília: MEC, 2014. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000232699>.
3. FERRAZ, M. Estado Política e Sociabilidade (Capítulo 1). In: SOUZA, A. R.; GOUVEIA, A. B.; TAVARES, T. M. (Orgs.) **Políticas Educacionais**: conceitos e debates. Curitiba: Appris, 2011.
4. CHARLOT, B. **Educação e Globalização**: uma tentativa de colocar ordem no debate. *S í s i f o / r e v i s t a d e c i ê n c i a s d a e d u c a ç ã o · n.º 4 · o u t / d e z 0 7*. Disponível em: [tps://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/32501/mod\\_glossary/attachment/10671/Bernadr\\_charlot.pdf](https://moodle.fct.unl.pt/pluginfile.php/32501/mod_glossary/attachment/10671/Bernadr_charlot.pdf).
5. SILVA, M. R.; FERETTI, C. J. **Reforma do ensino médio no contexto da medida provisória nº 746/2016**: estado, currículo e disputas por hegemonia. Educ. Soc., Campinas, v. 38, nº. 139, p.385-404, abr.-jun., 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v38n139/1678-4626-es-38-139-00385.pdf>.
6. OLIVEIRA, R. **Direito à educação e federalismo no Brasil**. Revista Retratos da Escola, Brasília, v. 6, n. 10, p. 39-47, jan./jun. 2012. Disponível em: [http://educacionpublica.org/wpcontent/uploads/2017/06/retratos\\_da\\_escola\\_10\\_201.pdf](http://educacionpublica.org/wpcontent/uploads/2017/06/retratos_da_escola_10_201.pdf).
7. BRASIL. INEP. **Plano Nacional de Educação PNE 2014-2024**: Linha de Base. – Brasília, DF: Inep, 2015. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/485745/Plano+Nacional+de+Educa%C3%A7%C3%A3o+PNE+2014-2024++Linha+de+Base/c2dd0faa-7227-40ee-a520-12c6fc77700f?version=1.1>.

8. SCAFF, E. A. S.; OLIVEIRA, M. S.; LIMA, S. E. de. **O planejamento educacional frente às fragilidades da democracia brasileira**. ETD: EDUCAÇÃO TEMÁTICA DIGITAL, v. 20, p. 905-923, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8649255/18668>.
9. GOUVEIA, A. B. O Financiamento da Educação no Brasil e o desafio da superação das desigualdades (Capítulo 3). In: SOUZA, A. R.; GOUVEIA, A. B.; TAVARES, T. M. (Orgs.) **Políticas Educacionais: conceitos e debates**. Curitiba: Appris, 2011.
10. AMARAL, N. **PEC 241/55: a “morte” do PNE (2014-2024) e o poder de diminuição dos recursos educacionais**. RBPAE - v. 32, n. 3, p. 653 - 673 set./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpaee/article/view/70262/39677>.
11. MINHOTO, Maria Angélica Pedra. **Política de Avaliação da Educação Brasileira: limites e perspectivas**. Jornal de Políticas Educacionais, [S.l.], v. 10, n. 19, jun. 2016. ISSN 1981-1969. Disponível em: <http://revistas.ufpr.br/jpe/article/view/50214/30869>.
12. BONAMINO, A. e SOUSA, S. **Três gerações de avaliação da educação básica no Brasil: interfaces com o currículo da/na escola**. Educ. Pesqui., Jun 2012, vol.38, no.2, p.373-388. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v38n2/aopep633.pdf>.
13. CNTE. **Retratos da Escola**. Dossiê: Valorização profissional: piso salarial e carreira. Escola de Formação da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (Esforce) – v.10, n.18, jan./jun. 2016. – Brasília: CNTE, 2007. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/issue/view/28>.

## **5. DISCIPLINA: EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**CÓDIGO: EP101**

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ARROYO, Miguel G. **Passageiros da Noite do trabalho para a EJA: itinerários pelo direito a uma vida justa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
2. OLIVEIRA, Inês Barbosa. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. **Revista Educar, Curitiba**: Editora UFPR, n. 29, 2007, p. 83-100. BRASIL. Parecer CNE/CEB 011/2000. Dispõe sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Jovens e Adultos de 10 de maio de 2000.
3. BRASIL. Resolução CNE/CEB 01/2000. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Jovens e Adultos**.

4. BRASIL. **Resolução CNE/CEB 03/2010**. Dispõe sobre as Diretrizes Operacionais para a Educação de Jovens e Adultos de 15 de junho de 2010.
5. DURANTE, Marta. **Alfabetização de Adultos: leitura de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
6. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
7. \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um encontro com a Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1992.
8. \_\_\_\_\_. **Educação na Cidade**. São Paulo: Cortez, 1991.
9. \_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
10. HADDAD, Sérgio. A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB. In: BREZINSKY, Iria. **LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez. 1997.
11. PAIVA, Vanilda. **Educação popular e educação de adultos**. São Paulo: Loyola. 1973.
12. PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições para Educação de Adultos**. São Paulo. Ed. Cortez. 1989.
13. RIBEIRO, Vera M. **Metodologia de Alfabetização: pesquisas em educação de jovens e adultos**. Campinas: Papyrus, 1994.
14. \_\_\_\_\_. **Planejamento: plano de ensino – aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad. 1995.
15. VASCONCELOS, C. **Concepção dialética-libertadora da avaliação educacional**. Rio de Janeiro: AEC. 1994.
16. VEIGA, Ilma, P. Repensando a didática. Campinas: Papyrus, 1993. BREZINSKY, Iria. **LDB Interpretada: diversos olhares se entrecruzam**. São Paulo: Cortez. 1997.
17. BARRETO, Vera. Paulo Freire para educadores. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.

19. \_\_\_\_\_. Conhecimento: um tema na alfabetização. In: **Caderno de Extensão Alfabetização de Adultos**. Curitiba: UFPR/PROEC, ano IV, nº 5, março de 1998.
20. \_\_\_\_\_ (org.). **Poetizando, confabulando, historiando**. São Paulo: Vereda Centro de Estudos em Educação, 1995.
21. BEISIEGEL, Celso de Rui. **Estado e educação popular**: um estudo sobre educação de adultos. São Paulo: Pioneira, 1974.
22. \_\_\_\_\_. **Política e educação popular**: a prática de Paulo Freire no Brasil. São Paulo: Ática, 1982.
23. COMERLATO, Denise Maria. **Os trajetos do Imaginário e a alfabetização de adultos**. Pelotas-RS: EDUCAT, 1998.
24. DI PIERRO, Maria Clara. Ensino supletivo e universalização da educação básica. Revista de Educação, São Paulo, n. 5, p. 14-17, out. 1990.
25. FÁVERO, Osmar (org.). **Cultura Popular, Educação Popular**: memória dos anos 60. Rio de Janeiro: Graal, 2 ed., 2001.
26. FISCHER, Nilton Bueno. **Uma política de educação pública popular de jovens e adultos**. Em Aberto, Brasília, v. 11, n. 56, p. 68-73, out./dez. 1992.
27. HADDAD, Sérgio. **Estado e educação de adultos (1964-1985)**. São Paulo, 1991.360 p. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo.
28. \_\_\_\_\_. A educação de pessoas jovens e adultas e a nova LDB. In: BRZEZINSKI, Iria (Org.). **LDB interpretada**: diversos olhares se entrecruzam. São Paulo: Cortez, 1997, p. 106 - 122.
29. \_\_\_\_\_. Tendências atuais na Educação de Jovens e Adultos. In: **Em Aberto**. Brasília: INEP/ MEC, Ano XI, nº 56, out/dez/1992, p. 3 - 12.

30. HADDAD, Sérgio e PIERRO, Maria Clara Di. Satisfação das necessidades básicas de aprendizagem de jovens e adultos no Brasil: contribuições para uma avaliação da década da Educação para Todos. São Paulo: Ação Educativa, 1999.

31. I Seminário Nacional sobre Educação para Todos: Implementação de compromissos de Jontiem no Brasil (Brasília, DF: 10-11/06/1999), promovido pelo INEP/MEC.

32. OLIVEIRA, Romualdo Portela & ADRIÃO, Theresa (orgs.). **Organização do ensino no Brasil**: níveis e modalidades na Constituição Federal e na LDB. São Paulo: Xamã, 2002.

33. PAIVA, Vanilda Pereira. **Educação popular e educação de adultos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 1983.

34. PIERRO, Maria Clara Di. **Educação de Jovens e Adultos no Brasil**: questões face às políticas públicas recentes. In: Em Aberto. Brasília: INEP/ MEC, Ano XI, nº 56, out/dez/1992, p. 22 – 30.

35. \_\_\_\_\_. Descentralização, focalização e parceria: uma análise das tendências nas políticas públicas de educação de jovens e adultos. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, FEUSP, v.27, n.2, p. 321-337, jul./dez. 2001.

36. SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A História das ideias de Paulo Freire e a atual crise de paradigmas**. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1997.

37. SOUZA, João Francisco de. **Uma política nacional de educação de adultos**. Tópicos Educacionais, Recife, v. 8, n. 2, p. 69-81, jul./dez. 1990.

38. TIEPOLO, Elisiani Vitória. Literatura e alfabetização de adultos. In: **Caderno de Extensão Alfabetização de Adultos**. Curitiba: UFPR/PROEC, ano IV, nº 5, março de 1998.

## **6. TRABALHO PEDAGÓGICO EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES**

**CÓDIGO: EP445**

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ARROYO, Miguel. Pedagogias em movimento. O que temos a aprender dos movimentos sociais. In: **Currículo Sem Fronteiras**. V3, n1 (Jan.-jun. 2003), 28–49.

2. GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e cultura política**. São Paulo: Cortez, 1999.

3. PINEL, Hiran; CALODETE, Paulo Roque; PAIVA, Jacyara Silva. Pedagogia Social: algumas reflexões sobre a formação dos educadores sociais. **Journal of Social Pedagogy**, v. 3, n.1, jun. 2017. Disponível em: <http://www.revistadepedagogiasocial.uff.br/index.php/revista/article/view/27> - acesso em 01 de jul. 2020

## **7. DISCIPLINA: AVALIAÇÃO EDUCACIONAL**

### **CÓDIGO: EP446**

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

2. LUCKESI, C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1996.

3. MELO, M. (org.) **Avaliação na educação**. Pinhais: Editora Melo, 2007.

4. VASCONCELOS, C. **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar**. São Paulo: Libertad, 2008.

## **8. DISCIPLINA: ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO**

### **CÓDIGO: EP448**

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. COSTA, M. V. **Escola básica na virada do século: cultura, política e currículo**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2000.

2. DAYRELL, J. et all. **Família, Escola e Juventude: Olhares Cruzados Brasil-Portugal**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

3. MIZIARA, Leni Aparecida Souto; RIBEIRO, Ricardo & BEZERRA, Giovani Ferreira. O que revelam as pesquisas sobre a atuação do coordenador pedagógico. **Revista**

**Brasileira de Estudos Pedagógicos** (online), Brasília, v. 95, n. 241, p. 609-635, set./dez. 2014.

**9. DISCIPLINA: EDUCAÇÃO, TECNOLOGIA E CULTURA DAS MÍDIAS**  
**CÓDIGO: EP099**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; DIAS, Paulo; SILVA, Bento Duarte da (Org.). **Cenários de inovação para a educação na sociedade digital**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

2. ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de; VALENTE, José Armando. Currículo e contextos de aprendizagem: integração entre o formal e o não-formal por meio de tecnologias digitais **Revista e-Curriculum**, São Paulo, n.12 v.02 maios/out. 2014. Disponível: < <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/20355/15390> >. Acesso em: 17.01.2017.

3. ASSMANN, Hugo (Org.). **Redes Digitais e Metamorfose do aprender**. Petrópolis: Vozes, 2005.

**10. DISCIPLINA: EDUCAÇÃO E TRABALHO**  
**CÓDIGO: EP104**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. BOLTPELLO, L.; CHIAPELLO, E. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

2. CASTEL, R. **As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário**. Petrópolis: Vozes, 1998.

3. DUBBET, F. **A experiência escolar: alunos de liceu e estudantes**. In: DUBBET, F. *Sociologia da experiência*. Lisboa: Instituto Piaget, 19966. (pp. 207-220).

**11. DISCIPLINA: FUNÇÃO SOCIAL DO PEDAGOGO**  
**CÓDIGO: EP098**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ALMEIDA, M.I. Os professores diante das mudanças educacionais. In: BICUDO, M. V.; SILVA JR, C. A. **Formação do educador e avaliação educacional: organização da escola e do trabalho pedagógico**. São Paulo: UNESP, 1999, p. 249-262.

2. ALVES, N. e GARCIA, R.L. Rediscutindo o papel dos diferentes profissionais da escola na contemporaneidade, In: FERREIRA, N.A.C. **Supervisão Educacional para uma escola de qualidade**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

3. BARBOSA, R.L.L. **Formação de educadores: desafios e perspectivas.** São Paulo: UNESP, 2003.
4. BISSOLI, Carmem S. **Curso de Pedagogia no Brasil, polêmicas do nosso tempo.** Campinas: Ed. Autores Associados, 2003.
5. COELHO E SILVA, J.P.C. Das ciências com implicações na educação à ciência específica da Educação. **Revista Portuguesa de Pedagogia.** Coimbra, Universidade de Coimbra. Ano XXV-I, 1991.
6. ESTRELA, A. **Viver e construir a profissão docente.** Portugal, Porto Editora: 1997.
7. FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo, Paz e Terra, 2001.
8. GARCIA, R. L. Especialistas em educação, os mais novos responsáveis pelo fracasso escolar. In: ALVES, N. e GARCIA, R. L. **O fazer e o pensar dos supervisores e orientadores educacionais.** São Paulo: Loyola, 2001.
9. GARCIA, C. Marcelo. **Formação de professores: para uma mudança educativa.** Porto Editora, 1999.
10. GIROUX, H. A. **Teoria crítica e resistência em educação: para além das teorias da reprodução.** Petrópolis, Vozes, 1986.
11. GIROUX, H. A. **Cruzando as fronteiras do discurso educacional.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
12. \_\_\_\_\_. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artmed, 1997.
13. GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura.** RJ: Civilização brasileira, 1985.
14. GHIRALDELLI Jr. Paulo. **O que é Pedagogia.** São Paulo: Brasiliense, 6 ed. 1991.
15. HAGEMEYER, R.C.C. **Dilemas e desafios da função docente na sociedade atual: os sentidos da mudança.** Educar em Revista, nº 24, Curitiba: Editora da UFPR, 2004.
16. \_\_\_\_\_. **A universidade e o curso de Pedagogia: os desafios da produção do conhecimento e a relação com a Escola Básica.** Jornal de Políticas Educacionais, n.4, julho-dezembro, Curitiba, NUPE-UFPR, 2008.
17. MEC. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia.** Parecer CNE/CP nº 05/2005 de 13/12/2005.
18. KUENZER, A. Z.E. RODRIGUES, M.F. As diretrizes curriculares para o curso de Pedagogia: a nova epistemologia da prática. In: **XIII ENDIPE**, Novas subjetividades, currículo, docência e questões pedagógicas na perspectiva da inclusão social. Recife: Bagaço, 2005.
19. LIBÂNEO, J. C. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 2000.

20. LUCCHESI, M.A.S. Buscando novos caminhos para a supervisão. In: QUELUZ, A.G. e ALONZO, M.A. **O trabalho docente: teoria e prática**, São Paulo: Ed. Pioneira, 1999.
21. PARO, V. H. A natureza do trabalho pedagógico. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo: FEUSP v.19, n.1, jan/jun.1993.
22. PÉREZ GÓMEZ, A. A função e a formação do professor no ensino para a compreensão: diferentes e perspectivas. In: GIMENO SACRISTÀN, J. E PÈREZ GOMEZ. **Compreender e transformar o ensino**. Cap. 11, Porto Alegre, Artes Médicas, 2000.
23. PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 8ed. São Paulo: Contexto, 2006, p. 443 -481
24. MEC/CNE. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia. Parecer nº 05/2005**. Homologado e Aprovado em 15/05/2006.
25. PIMENTA, S.G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. **Saberes pedagógicos e atividade docente**. São Paulo: Cortez, 2002.
26. RANGEL, Mary. **Supervisão: do sonho à ação - uma prática em transformação**.
27. SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. São Paulo: Cortez, 1991.
28. SCHEIBE, L. Formação e identidade do pedagogo no Brasil. In: **Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa**. Encontro Nacional de Didática (ENDIPE), Rio de Janeiro: DP&A 2001.
29. SCHMIDT, L.M, RIBAS M.H. e CARVALHO, M.A. A prática pedagógica como fonte de conhecimento, In: QUELUZ, A. G.; ALONSO, M. **O trabalho docente: teoria e prática**. São Paulo: Ed. Pioneira, 1999.
30. Universidade federal do Paraná, **Proposta Curricular do Curso de Pedagogia**, 1996.
31. Universidade Federal do Paraná, **Proposta Curricular do Curso de Pedagogia**, Texto de Concepção de formação do Pedagogo, 2009.

## ANEXO 3 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS DO DEPARTAMENTO DE TEORIA E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO – DTFE

### 1. DISCIPLINA: ESTUDOS DA INFÂNCIA CÓDIGO: EP100

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, Manuel. “**As crianças e a infância**: definindo conceitos, delimitando o campo” In: Pinto, M.; Sarmiento, M.J. (coords). *As Crianças: contextos e identidades*. Braga: Centro de Estudos da Crianças/Universidade do Minho, 1997, p.9-30.
2. KRAMER, Sonia; CORSINO, Patricia; NUNES, Maria Fernanda R. **Infância e crianças de 6 anos**: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v.37, n.1, jan/abr. 2011. [disponível *on line*].
3. MÜLLER, Fernanda & CARVALHO, Ana Maria Almeida (orgs). **Teoria e prática na pesquisa com crianças**: diálogos com William Corsaro. São Paulo: Cortez, 2009.
4. GUIMARÃES, Daniela. **Na creche, o cuidado como ética**: caminhos para o diálogo com bebês. In: KRAMER, Sonia (Org.). *Retratos de um desafio: crianças e adultos na educação infantil*. São Paulo: Ática, 2009, p. 95- 108. (Educação em ação).

### 2. DISCIPLINA: DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL I CÓDIGO: ET030

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
2. RAIDY, Carmem; KAERCHER, Gládis E. (Orgs.). **Educação Infantil pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.
3. OLIVEIRA, Zilma de M. R. **Educação infantil**: fundamentos e métodos. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

**3. DISCIPLINA: TÓPICOS ESPECIAIS EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO**  
**CÓDIGO: ET077**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. LIMA, L. M. S. **Motivação em sala de aula**: a mola propulsora da aprendizagem. In: SISTO, F. F.; OLIVEIRA, G. C.; FINI, L.D.T. (Orgs.) **Leituras de psicologia para a formação de professores**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: São Francisco, 2000, p. 148-162.
2. LOOS, H. A interdependência mútua da cognição e do afeto: atribuindo sentido à aprendizagem. In: DINIS, N. F.; BERTUCCI, L. M. (Orgs.) **Múltiplas faces do educar: processos de aprendizagem, educação e saúde, formação docente**. Curitiba: Editora UFPR, 2007, p. 13-27.
3. SOUZA, M. T. C. C. O desenvolvimento afetivo segundo Piaget. In: ARANTES, V. A. **Afetividade na escola**. (Org.) São Paulo: Summus, 2003, p. 53-70.
4. TAPIA, J. A.; GARCÍA-CELAY, I. M. Motivação e aprendizagem escolar. In: COLL, C.; PALÁCIOS, J.; MARCHESI, A. (Orgs.) **Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 154-160.
5. ZIMRING, F. Carl Rogers. **Coleção Educadores/MEC**. Recife: Massangana / Fundação Joaquim Nabuco, 2010.

**4. DISCIPLINA: BIOLOGIA EDUCACIONAL**  
**CÓDIGO: EP432**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. BORGES-OSÓRIO, Maria Regina; ROBINSON, Miriam. **Genética humana**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.
2. CASCINO, Fábio. **Educação ambiental**: princípios, história, formação de professores. São Paulo: SENAC, 1999.
3. DIAS, Genebaldo Freire. **Educação ambiental**: princípios e práticas. São Paulo: Gaia, 1996.
4. LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios**: conceitos fundamentais de neurociência. São Paulo: Atheneu, 2010.
5. PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally W. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: Artes Médicas sul, 2006.
6. RAW, Isaias; MENNUCCI, Lelia; KRASILCHIK, Miriam. **A Biologia e o homem**. São Paulo: EDUSP, 2002.

**5. DISCIPLINA: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO I**  
**CÓDIGO: ET433**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. RAMOS, E./FRANKLIN, K. (2010) **Filosofia da Educação**: os diversos olhares do Educar, Curitiba: Juruá.
2. MARROU, Henri-Irênée (1990) **História da Educação na Antiguidade**. São Paulo: EPU. (Cap. 1, 11, IV, V, VII).
3. GUTHIE, W. K. C. (1995) **Os Sofistas**. trad. João Resende costa, São Paulo: paGius.
4. DORION, Louis André (2008) **Compreender Sócrates**. 2ª ed., Petrópolis: Ed. Vozes.
5. PLATÃO (2001) **Ménon**. Trad. Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-RIO/Ed. Loyola.
6. PAVIANI, Jayme (2008) **Platão & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica.
7. ARISTÓTELES (1991) **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Nova Cultural. In os pensadores.
8. PERINE, Marcelo (2006) **Quatro Lições sobre ética de Aristóteles**, São Paulo: Ed. Loyola.
9. STIRN, François (2008) **Compreender Aristóteles**. 2ª ed., Petrópolis: Ed. Vozes.
10. PLUTARCO (2008) **Obras Morais — A Educação das Crianças**. Tradução, introdução e notas por Joaquim Pinheiro, Coimbra- Portugal: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra. (PDF).
11. DESCARTES, René (1991) **Meditações**. São Paulo: Nova cultural. In os Pensadores.
12. DESCARTES, René (1991) Discurso do Método. São Paulo: Nova cultural. In Os Pensadores.
13. LOCKE, John (1991) **Ensaio Acerca do Entendimento Humano**. São Paulo: Nova Cultural. In Os Pensadores.

14. LOCKE, John (1797) **Educacion de los Niños**. Traducion D. F. A. C. P.: Madrid: Imprensa de Manuel Alvarez. (PDF).

15. ROUSSEAU, J.-J. (1999) **Emílio ou da Educação**. trad. Roberto leal Ferreira, São Paulo: Martins Fontes.

16. ROUSSEAU, J.-J. (1991) **Do Contrato Social**. trad. Lourdes Santos Machado, Nova Cultural. In. Os Pensadores.

## **6. DISCIPLINA: FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO II**

### **CÓDIGO: ET434**

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro**. trad. Mauro Barbosa Almeida, São Paulo: Perspectiva, 2000.

2. CHAUI, Marilena. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

3. DESCAMPS, Christian. **As ideais filosóficas contemporâneas na França**. Trad. Arnaldo Marques, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.

4. DROIT, Roger. **A Filosofia explicada à minha filha**. Trad. Cláudia Berliner, São Paulo: Martins Fontes, 2005.

5. FRANKLIN, Karen. **Mitos platônicos para crianças**. vol. I e 2, Fortaleza: UFC, 2005.

6. HEGEL, Georg W. F. **Fenomenologia do espírito**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. in Os Pensadores.

7. HEIDEGGER, E. **O fim da filosofia e a tarefa do pensamento**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. in Os Pensadores.

8. HEIDEGGER, Martin. **O que é isto - a filosofia?** São Paulo: Abril Cultural, 1973. in os Pensadores.

9. HUSSERL, Edmund. **Investigações lógicas - sexta investigação**. São Paulo: Nova Cultural, 1991. in Os Pensadores.

10. KANT, I. **Sobre a pedagogia**. São Paulo: Nova Cultural. (texto obrigatório).

11. KANT, I. **Fundamentos da metafísica dos costumes**. Trad. Lourival de Queiroz Henkel, São Paulo: Ediouro.

12. KANT, Immanuel. **Textos seletos**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.
13. KECHIKIAN, Anita. **Os filósofos e a educação**. Lisboa: Colibri, 1993. col. Paideia.
14. KOHAN, Walter O. **Infância: entre a educação e a filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
15. LIPMAN, M. **A filosofia vai à escola**. São Paulo: Summus, 1990.
16. LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.
17. LIPMAN, Matthew. **A filosofia na sala de aula**. São Paulo: Nova Alexandria, 1987.
18. MATTHEWS, Gareth B. **A filosofia e a criança**. Trad. Carlos S. Mendes Rosa, São Paulo: Martins Fontes, 2001.
19. OLIVEIRA, Neiva A. **Rousseau e Rawls — Contrato em duas vias**. Coleção: Filosofia 109, Porto Alegre: Edipucs, 2000.
20. PINHEIRO, Celso de M. **Kant e a educação**. Caxias do sul: EDUCS, 2007.
21. REALI, G./ANTISIERI, D. **História da filosofia**. São Paulo: PAULUS, 1990. vols. 2 e 3.
22. ROUSSEAU, J.-J. **Emílio ou da Educação**. Trad. Roberto Leal Ferreira, São Paulo: Martins Fontes, 1999.
23. SARDI, Sérgio. **Ula: brincando de pensar**. 3ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007.
24. SEVERINO, E. **A filosofia contemporânea**. Lisboa: Edições 70, 1986.
25. SEVERINO, E. **A filosofia moderna**. Lisboa: Edições 70, 1984.
26. STEIN, Emildo. **Seminário sobre a verdade**. Petrópolis: Vozes, 1993.
27. TELES, Maria L. S. **Filosofia para jovens**. 16ª ed., Petrópolis: Vozes, 2008.
28. VICENTI, Luc. **Educação e liberdade - Kant e Fichte**. Trad. Élcio Fernandes, São Paulo: UNESP, 1994.

**7. DISCIPLINA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO I**  
**CÓDIGO: ET435**

## **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ARIÉS, P; DUBY, G. (Dir.) **História da vida privada**. São Paulo: Companhia das Letras, [199-]. 5v.
2. CARVALHO, M.M.C de. PINTASSILGO, J. (Orgs.) **Modelos culturais, saberes pedagógicos, instituições educacionais**. São Paulo: Edusp, 2011.
3. BURKE, P. **Uma história social do conhecimento I e II**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003; 2012.

## **8. DISCIPLINA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO II**

### **CÓDIGO: ET436**

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **História e memória da educação no Brasil**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes. Vol. II (2011), Vol. II (2010), Vol. III (2009).
2. SAVIANI, Demerval et. al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.
3. VIEIRA, Carlos Eduardo; GONÇALVES, Nádia Gaiofatto (orgs.). **Setor de Educação e Curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná (1938-2014): histórias, memórias e desafios contemporâneos**. Curitiba: Ed. UFPR, 2016.

## **9. DISCIPLINA: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO I**

### **CÓDIGO: ET437**

#### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. COLL, C; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. (orgs.). **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. Vol. 2: Psicologia da Educação.
2. ELIAS, M.D.C. **Celestin Freinet: uma pedagogia de atividades e cooperação**. Petrópolis: Vozes, 1997.
3. KUPFER, M. C. **Freud e a educação: o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione, 1989.
4. MONTESSORI, M. **Educação para a paz**. Campinas: Papyrus, 2004.
5. ROGERS, C. **Liberdade para aprender**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
6. SALVADOR, CSC. (org.). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

7. SAMPAIO, Rosa Maria W. **Celestin Freinet** — evolução histórica e atualidades. São Paulo: Scipione, 1996.

8. SKINNER, B.F. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1999. Ciência e comportamento humano. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

9. \_\_\_\_\_, B.F. Ciência e comportamento humano. 9 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

10. WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Imago, 1975.

11. WOOLFOLK, A.E. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

## **10. DISCIPLINA: PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO II** **CÓDIGO: ET438**

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. BECKER, Fernando. **Educação e construção do conhecimento**. Porto Alegre. Artmed, 2001.

2. CARRARA, Kester et al. **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. São Paulo: Avercamp, 2004.

3. GOULART, I. B. **Piaget: experiências básicas para utilização pelo professor**. 27 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

4. PIAGET, J. **Para onde vai a Educação?** 12. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

5. VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo, Martins Fontes, 1994.

6. VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo, Martins Fontes, 1989.

## **11. DISCIPLINA: FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO ESPECIAL** **CÓDIGO: ET439**

### **BILIOGRAFIA BÁSICA**

1. BOLSANELLO, M. A. **Educação Especial e inclusiva**. Curitiba: UFPR, 2010.

2. MINETTO, M.F. **O currículo na educação inclusiva**: entendendo esse desafio. Curitiba: IBPEX, 2008.
3. SIMITH, D.D. **Introdução a educação especial**: ensinar em tempos de inclusão. Porto Alegre: Artmed, 2008.

**12. DISCIPLINA: SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO**  
**CÓDIGO: ET440**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
2. DURKHEIM, Emile. **Educação e sociologia**. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1962.
3. \_\_\_\_\_· **Sociologia, educação e moral**. Porto: RES-Editora, 1984.
4. \_\_\_\_\_· **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
5. GOUVEIA, Aparecida Joly. A Sociologia da Educação no final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução. Em Aberto. INEP, Brasília: n ° 46, jan/jun 1990.
6. VIANA, N. **Weber: tipos de educação e educação burocrática guanicuns**; Rev. Faculdade de Educação e Ciências Humanas de Anicuns FECHA/FEA - Goiás, OI, 2004, 117-132.
7. MACHADO, L.R.S. **Politécnica, escola unitária e trabalho**. 2.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.
8. MARX, K. **O capital** (Livro 1, v. I e II). 14ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1994.
9. \_\_\_\_\_**Manuscritos econômicos e filosóficos**. Lisboa: Edições 70, s/d.
10. MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Moraes, 1984.
11. MOREIRA, A.F.B; SILVA, Tomaz Tadeu da. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.
12. NETTO, J.P.; CARVALHO, M.C.B. **Cotidiano**: conhecimento e crítica. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.



**ANEXO 4 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS DAS DISCIPLINAS  
OBRIGATÓRIAS DO DEPARTAMENTO DE TEORIA E PRÁTICA DE ENSINO –  
DTPEN**

**1. DISCIPLINA: PESQUISA EDUCACIONAL**

**CÓDIGO: EM455**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. ANDRÉ, MARLI (org.) **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP, Papyrus, 2006.
2. \_\_\_\_\_. A pesquisa sobre formação de professores no Brasil 1990/98. In: Candau, V.M. (org.) **Ensinar e Aprender: Sujeitos, Saberes e Pesquisa (ENDIPE)**. Rio de Janeiro, DP&A, 2000,.257 266.
3. ANGELUCCI, C. B., KALMUS, J., PAPARELLI, R. e PATTO, M.H.S. **O estado da arte da pesquisa sobre o fracasso escolar (1991 2002)2002**: um estudo introdutório. Educação e Pesquisa, vol. 30, n. 1, 2004, p. 51 72.
4. CHIZZOTTI, Antônio. **Metodologia do Ensino Superior**: o ensino com pesquisa.
5. CASTANHO, Sergio; CASTANHO, Maria Eugenia (Orgs). **Temas e textos em metodologia do ensino superior**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.
6. GATTI, Bernadete. **A produção da pesquisa em educação no Brasil e suas implicações sociopolítico educacionais**: uma Perspectiva da Contemporaneidade. Trabalho apresentado na III Conferência de Pesquisa Sociocultural Campinas, SP, julho de 2000, 20p.
7. MIRANDA, Marília G. Ensino e pesquisa na formação de professores: o debate contemporâneo sobre a relação teoria e prática. Trabalho apresentado na IX Semana da Faculdade de Educação da UFGO. Goiânia, GO, agosto de 2000, 10p.

**2. DISCIPLINA: METODOLOGIA DE ENSINO DE MATEMÁTICA**

**CÓDIGO: EM240**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. TOLEDO, Marília; TOLEDO, Mauro. **Didática para a matemática**: como dois e dois? A construção da matemática. São Paulo: FTD.
2. KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez.
3. SMOLE, Kátia Stocco; DINIZ, Maria Ignez. **Ler, escrever e resolver problemas: Habilidades básicas para aprender matemática**. Porto Alegre: Artmed.

### 3. DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ENSINO DE HISTÓRIA CÓDIGO: EM241

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. COOPER, Hilary. **Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos**. Educar em Revista, Curitiba, Especial, p.171-190, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/nspe/nspea10.pdf>.
1. FRANCO, Alexia Pádua. **A cultura midiática infantil e a construção da noção de tempo histórico**. Cadernos CEDES [online]. 2010, vol.30, n.82, pp. 310-323. Acesso em 03/08/2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/03.pdf>.
2. GONÇALVES, Nádya G. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de História**. Brasília: MEC, 2011.
3. OLIVEIRA, Sandra R.F. O tempo, a criança e o ensino de História. In: DE ROSSI, Vera L. e ZAMBONI, Ernesta (orgs.) **Quanto tempo o tempo tem!** Campinas: Alínea, 2003, p. 145-172.
4. OLIVEIRA, Sandra R.F. Anacronismo. In: FERREIRA, Marieta M. e OLIVEIRA, Margarida M.D. **Dicionário de Ensino de História**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019, p.19-23.
5. SILVA, Paulo V. B. e SOUZA, Gizele. Relações étnico-raciais e práticas pedagógicas em Educação Infantil. **Educar em Revista** [online]. 2013, n.47, pp. 35-50. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_issuetoc&pid=0104406020130001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_issuetoc&pid=0104406020130001&lng=pt&nrm=iso).
6. TUMA, Magda Madalena; CAINELLI, Marlene Rosa e OLIVEIRA, Sandra Regina Ferreira de. Os deslocamentos temporais e a aprendizagem da História nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos CEDES** [online]. 2010, vol.30, n.82, pp. 355-367. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/06.pdf>.
7. ZAMBONI, Ernesta e FONSECA, Selva Guimarães. Contribuições da literatura infantil para a aprendizagem de noções do tempo histórico: leituras e indagações. **Cadernos CEDES** [online]. 2010, vol.30, n.82, pp. 339-353. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v30n82/05.pdf>

### 4. DISCIPLINA: METODOLOGIA DE ENSINO DE GEOGRAFIA CÓDIGO: EM242

## BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. ALMEIDA, R. D. e PASSINI, E. Y. **Espaço geográfico**: ensino e representação. 6a ed. São Paulo: Contexto, 1998.
2. ANTUNES, A. R.; MENANDRO, H. F.; PAGANELLI, T.I. **Estudos Sociais**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Access, 1993.
3. CARVALHO, A. L. P.; FILIZOLA, R. **A avaliação em Geografia nas séries iniciais**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2005. (disponível em: [http://www.cinfop.ufpr.br/pdf/colecao\\_1/geografia\\_4.pdf](http://www.cinfop.ufpr.br/pdf/colecao_1/geografia_4.pdf))

### **5. DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ENSINO DAS ARTES CÓDIGO: EM243**

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. ALMEIDA, Célia. Concepções e práticas artísticas na escola. In: **O ensino das artes**: Construindo caminhos. Sueli Ferreira (Org.). Campinas: Papirus, 2001.
2. BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.

### **6. DISCIPLINA: DISCIPLINA: METODOLOGIA DO ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA CÓDIGO: EM244**

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. BRACHT, V.; CRISÓRIO, R (orgs). **A Educação Física no Brasil e na Argentina**: identidade, desafios e perspectivas. Campinas: Autores Associados, 2003.
2. COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do ensino da educação física. São Paulo: Cortez, 1992. VAGO, T. M. **Educação Física na escola**: para enriquecer a experiência da infância e da juventude. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012.

### **7. METODOLOGIA DE ENSINO DE CIÊNCIAS CÓDIGO: EM245**

#### BIBLIOGRAFIA BÁSICA

1. BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Ministério da Educação. p. 273-294. 2017  
[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_publicacao.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf)

3.1.1.1

2. CARVALHO, A. M. P. **Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino por investigação**. Revista Brasileira De Pesquisa Em Educação Em Ciências, 18(3), 765-794, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbpec/article/view/4852/3040>

3.1.1.2

3. FABRI, Fabiane; SILVEIRA, Rosemari M. C.F. **O ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental sob a ótica cts**: uma proposta de trabalho diante dos artefatos tecnológicos que norteiam o cotidiano dos alunos. IENCI, v.18, n.1, 2013. Disponível em <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/161>

## **8. DISCIPLINA: METODOLOGIA DE ENSINO DA EDUCAÇÃO INFANTIL/ EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES E PRÁTICAS**

**CÓDIGO: EM269/EM246**

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. BRASIL. Resolução nº 5/09. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

3.1.1.3

2. BRASIL. Parecer nº 20/09. Conselho Nacional de Educação. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

3. CARVALHO, M. I. C. de; RUBIANO, M. R. B. Organização do espaço em instituições pré-escolares. In: OLIVEIRA, Z. M. R. de (org.) **Educação Infantil: muitos olhares**. São Paulo, Cortez, 1994, p. 107-131.

4. CERISARA, Ana Beatriz. Educar e Cuidar: por onde anda a educação infantil? In: **Perspectiva**: Revista do Centro de Ciências da Educação. UFSC/CED. N.º especial, Florianópolis, 1999b, p. 11-21. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/10539>.

5. CRAIDY, C. M.; KAERCHER, G. E. (orgs.). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

6. FARIA, A.L.G.; PALHARES, M. S. (org). **Educação Infantil pós LDB: rumos e desafios**. Campinas, Ed. Autores Associados, 1999.

3.1.1.4

7. GANDINI, Lella e GOLDHABER, Jeanne. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, Lella e EDWARDS, Carolyn. **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. POA: ArtMed, 2002, p.150-169.

8. MORO, C. **(Desa)fios da avaliação**. Revista Educação. **Publicação Especial Educação Infantil**. Vol. 2. Outubro/2011. ISSN: 1415-5486.

9. OSTETTO, L. E. (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Campinas: Papirus, 2000.

## **9. DISCIPLINA: DIDÁTICA**

**CÓDIGO: EM204**

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2012, p. 11-20.

2. COMÊNIO, J. A. **Didactica magna**. Tradução de Joaquim Ferreira Gomes. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001, introdução e capítulos XVI-XIX.

3. CANDAU, Vera Maria (org.) Rumo a uma nova didática. 24a ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 13-19.

4. FREIRE, Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Ed. Especial. São Paulo: Paz e Terra, 1996, p. 21-45.

5. LIBÂNEO, J. C. **Didática**: velhos e novos temas. Edição do autor, 2002. Disponível em: [http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/scormJose\\_Carlos\\_Libaneo\\_Livro\\_Didatica\\_Lib\\_one\\_o\\_1\\_.pdf](http://nead.uesc.br/arquivos/Biologia/scormJose_Carlos_Libaneo_Livro_Didatica_Lib_one_o_1_.pdf).

6. MARCHI, R. C.; SARMENTO, M. J. **Infância, normatividade e direito das crianças**: transições contemporâneas. Educação & Sociedade, Campinas, v. 38, n. 141, p.951-964, out./dez., 2017.

7. TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 15-54.

8. SILVA, M. R. **Perspectivas curriculares contemporâneas**. Curitiba: Ibpex, 2011, cap. 1 e 3.

## **10. DISCIPLINA: ALFABETIZAÇÃO**

**CÓDIGO: EM 454**

### **BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. FARACO, Carlos Alberto. Linguagem, escola e modernidade. In: GHIRALDELLI JR., Paulo. **Infância, escola e modernidade**. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da UFPR, 2007. pp.49 - 59.

2. VIGOTSKI, L. S. A pré-história da linguagem escrita. In: VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007, pp. 125-145.

3. FERREIRO, E. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. In: FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. 24 ed. São Paulo: Cortez, 1995, pp. 09-41.

4. CORSINO, Patrícia. **Alfabetização não tem receitas, mas tem princípios**. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/terccre/alfabetizacao-no-tem-receita-mas-tem-principios-patricia-corsino>.

**11. DISCIPLINA: METODOLOGIA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**  
**CÓDIGO: EM239**

**BIBLIOGRAFIA BÁSICA**

1. BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

2. CLAXTON, Guy. **O desafio de aprender ao longo da vida**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

3. MEIRIEU, P. **Aprender... Sim, mas como?** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.